



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

PERCEÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL EM AMBIENTES RECREATIVOS NOTURNOS EM PORTUGAL: UMA ANÁLISE EM FUNÇÃO DO GÉNERO E DA GERAÇÃO

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde -

Maria Miguel Rodrigues Ferreira

Porto, julho de 2021



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

PERCEÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL EM AMBIENTES RECREATIVOS NOTURNOS EM PORTUGAL: UMA ANÁLISE EM FUNÇÃO DO GÉNERO E DA GERAÇÃO

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde -

Maria Miguel Rodrigues Ferreira

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professora Doutora Cristiana Vale Pires
Professora Doutora Filipa Sobral

Porto, julho de 2021

Agradecimentos

Este espaço reservo-o para agradecer a quem me acompanhou:

À Professora Maria Carmo, por me abrir as portas do projeto, por me introduzir a temas de estudo de grande interesse e por me dar a oportunidade de participar no Boom Festival, uma experiência inesquecível.

À minha orientadora, Professora Cristiana, pela dedicação e paciência, pela transmissão de conhecimentos e por fomentar a minha curiosidade. Obrigada pela confiança e pela motivação.

À minha orientadora, Professora Filipa, pela ajuda, disponibilidade e motivação que foi fundamental para terminar a minha dissertação. Obrigada por acreditar e por me fazer acreditar.

A todos os meus professores da licenciatura e mestrado, por não só transmitirem conhecimento, mas por me inspirarem e fazerem dos meus dias uma oportunidade de crescimento.

Ao meu querido sobrinho Martim Maria, por tornar todos os meus dias mais bonitos. Ao meu irmão e à minha cunhada por me aturarem quando não tão afável sou. São os três uma parte essencial da minha vida.

E claro, aos meus pais, porque me apoiam em tudo o que faço. Porque acreditam em mim e me dão a segurança para enfrentar os desafios. São o meu porto seguro.

A vós, um obrigada.

Resumo

Em ambientes recreativos noturnos (ARN) continuam a reproduzir-se as normas hegemônicas de gênero, com uma alarmante desigualdade entre os gêneros, principalmente tendo em conta o risco de as mulheres experienciarem situações de violência sexual de maior ou menor intensidade nestes contextos. O presente estudo procura, a partir das repostas a um questionário *online*, descrever as perceções e os comportamentos de violência sexual em ARN, em função do gênero e com enfoque na geração *millennial*. A amostra é constituída por 143 participantes (109 mulheres e 34 homens) com idades entre os 25 e os 40 anos de idade. Com recurso a análises descritivas e estatísticas (teste de qui-quadrado e *Mann-Whitney*) são identificadas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos em comparação (feminino e masculino). Os resultados demonstram uma grande desproporcionalidade entre o número de mulheres que reportam experiências de violência sexual em ARN em comparação com os homens. Das participantes que experienciaram situações de violência sexual, 75% identificam um homem enquanto agressor. Esta investigação contribui para a identificação e visibilização de formas de violência sexual que afetam as mulheres no seu acesso à esfera pública, em particular, aos ARN, contribuindo para a promoção de um roteiro de lazer noturno mais seguro e igualitário.

Palavras-chave: violência sexual, ambientes recreativos noturnos, substâncias psicoativas, *millennials*, análise de gênero.

Abstract

In nightlife environments (NE) the hegemonic gender norms are reproduced, with an alarming inequality between genders, especially considering the risk of women experiencing more or less severe forms of sexual violence in these contexts. Based on the responses to an online questionnaire, the present study aims to describe the perceptions and behaviors of sexual violence in NE, both in terms of gender and generation, with a focus on the millennial generation. The sample consists of 143 participants (109 women and 34 men) with ages ranging between 25 and 40 years old. Using descriptive and statistical analysis (chi-square test and Mann-Whitney test), statistically significant differences were identified between the two groups in comparison (female and male). The results demonstrate a large disproportion between the number of women who report experiences of sexual violence in NE compared to men. From the group of female respondents who experienced situations of sexual violence, 75% of the participants identified a man as the aggressor. This study aims to contribute to the identification and visibilization of forms of sexual violence affecting women in their participation in the public sphere, in particular, to NE, contributing to the promotion of a safer and more egalitarian nightlife environments.

Keywords: sexual violence, nightlife environments, millennials, drug use, gender analysis.

Índice

Introdução.....	1
Enquadramento Teórico	5
Uma Análise Geracional e Uma Perspetiva de Género.....	5
Violência Sexual em Ambientes Recreativos Noturnos	8
Socialização de Género, <i>Performance</i> e Crenças Sobre Papéis de Género e Violência Sexual	12
Consumo de Substâncias Psicoativas e Violência Sexual.....	17
Método	19
Desenho do Estudo.....	19
Amostra	20
Instrumento.....	21
Procedimento de Recolha de Dados.....	22
Procedimento de Tratamento de Dados	23
Resultados	24
Experiência Ideal de Saída Para um Contexto De Festa	24
Frequência na Utilização de Substâncias Psicoativas	24
Motivo Para o Consumo de Drogas em Contextos de Festa	27
Situações de Violência Sexual	28
Nível de Concordância com Afirmações Relacionadas com Violência Sexual.....	30
Substâncias Envolvidas em Agressões Sexuais ou Violações em Contextos de Festa.....	32
Comportamentos Experienciados em Contextos de Festa	33
Comportamentos Praticados em Contexto de Festa.....	36
Discussão e Principais Conclusões	37
Limitações e Implicações Futuras	42
Referências Bibliográficas	44

Índice de Tabelas

Tabela 1 “ <i>Com Que Frequência Usas ou Já Usaste as Seguintes Substâncias Psicoativas?</i> ” – <i>Resultados da Análise Estatística Para Homens e Mulheres (Teste de Mann-Whitney U)</i>	25
Tabela 2 “ <i>Na Tua Opinião, Quais das Seguintes Situações São Violência Sexual?</i> ” – <i>Resultados da Análise Estatística Para Homens e Mulheres (Teste de Mann-Whitney U)</i>	28
Tabela 3 “ <i>Concordas Com as Seguintes Afirmações?</i> ” – <i>Resultados da Análise Estatística para Homens e Mulheres (Teste de Mann-Whitney U)</i>	30
Tabela 4 “ <i>Quais dos Seguintes Comportamentos Experienciaste em Contextos De Festa?</i> ” – <i>Resultados da Análise Estatística para Homens e Mulheres (Teste de Mann-Whitney U)</i>	34
Tabela 5 “ <i>Quais dos Seguintes Comportamentos Praticaste em Contextos de Festa?</i> ” – <i>Resultados da Análise Estatística para Homens e Mulheres (Teste de Mann-Whitney U)</i>	36

Introdução

A Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e Violência Doméstica (coloquialmente conhecida como a Convenção de Istambul), da qual Portugal é um dos países signatários, reconhece que a violência contra as mulheres está ancorada em relações de poder historicamente assimétricas onde o homem surge como agente de poder e dominação, e a mulher como agente subalterno e subordinado (Sottomayor, 2015).

Estas relações desiguais baseadas no sexo biológico, têm um carácter estrutural, estabelecendo hierarquias sociais que se reproduzem ao nível das relações familiares, laborais e de acesso à esfera pública; normas sociais que impõem papéis diferenciais consoante o género; e penalizando aqueles/as que não se enquadram nas definições essencialistas e tradicionais de género e de organização do desejo e da família (orientação sexual). A Convenção de Istambul é, neste contexto, um instrumento fundamental no reconhecimento da violência contra as mulheres como uma grave violação dos Direitos Humanos, e o reconhecimento de que esta violência se baseia no género e afeta de forma desproporcional as mulheres. No artigo 36º, a “violência sexual incluindo a violação” é definida como: “a) a penetração vaginal, anal ou oral não consentida, de carácter sexual, do corpo de outra pessoa com qualquer parte do corpo ou com um objeto; b) outros atos de carácter sexual não consentidos com uma pessoa; c) obrigar outra pessoa a praticar atos de carácter sexual não consentidos com uma terceira pessoa” (Conselho da Europa, 2011, p.13). Uma das novidades desta definição é a introdução do conceito consentimento. O artigo 40º introduz outra inovação, nomeadamente a definição de assédio sexual como “qualquer conduta indesejada verbal, não-verbal ou física, de carácter sexual, tendo como objetivo violar a dignidade de uma pessoa, em particular quando esta conduta cria um ambiente intimidante, hostil, degradante, humilhante ou ofensivo, seja objeto de sanções penais ou outras sanções legais” (p.14). Desta forma, a Convenção de Istambul introduziu importantes avanços numa definição concetual não-neutra, não-essencialista, mas estrutural, e considerando as formas de violência de género de menor intensidade, como o assédio sexual, enquanto formas de violência que comprometem as mulheres no seu acesso e participação na esfera pública (Sottomayor, 2015). Adicionalmente, esta Convenção definiu um conjunto de recomendações para a promoção de sociedades mais igualitárias e na prevenção e combate à violência contra as mulheres.

Esta dissertação, assenta nas definições de violência contra as mulheres propostas pela Convenção de Istambul, e insere-se na área de estudos que procura analisar e visibilizar as

formas de violência sexual que afetam as mulheres no seu acesso à esfera pública, em particular, aos ambientes recreativos noturnos (ARN).

É no contexto de normalização da violência sexual e do assédio sobre as mulheres que frequentam ARN que se insere o projeto *Sexism Free Night - Raising awareness and capacity building towards safer and more egalitarian nightlife environments*¹. Este projeto é coordenado pela Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (FEP-UCP) e co-financiado pelo programa *Rights, Equality and Citizenship* da Comissão Europeia (Grant Agreement nº 856934). O projeto surge com o objetivo de produzir conhecimento sobre as interseções entre a violência sexual, os ARN e o consumo de substâncias psicoativas (SPA) entre pessoas que saem à noite na Europa, intervindo com o objetivo de promover a criação de um roteiro de lazer noturno mais seguro e igualitário a nível europeu. A FEP-UCP é a entidade coordenadora e responsável pela implementação das atividades do projeto em Portugal.

Os ARN são, em Portugal, altamente valorizados como locais em que a diversidade, a quebra com as rotinas e exigências formais e quotidianas e a experimentação ocupam um lugar preponderante (Valente, Pires e Carvalho, 2016). Muitos centros metropolitanos apontam agora para a sua vibrante vida noturna como um setor económico em crescimento, como um indicador chave de uma economia saudável e uma população próspera (Hollands & Chatterton, 2002). Os espaços recreativos noturnos estão associados a um investimento económico em que são disponibilizadas novas oportunidades de negócio, de emprego no setor do serviço, com benefícios culturais e socioeconómicos tangíveis. No entanto, o aumento de espaços focados na indústria do lazer noturno comporta em si um número substancial de problemas sociais (Kavanaugh, 2010), nomeadamente: (1) as barreiras raciais e de classe impostas pelas empresas envolvidas no setor do lazer noturno urbano; (2) a normalização das diferenças de género e o assédio rotineiro das mulheres nesses contextos; e (3) a falta de inclusividade em torno da vida noturna nas comunidades urbanas locais (Grazian, 2009).

Historicamente, a noite é um espaço-tempo dominado por homens, onde a participação feminina é vista como um atrativo e como estando ao serviço das experiências hedonistas masculinas de homens. Em ARN continuam a reproduzir-se as normas hegemónicas de masculinidade e feminilidade, com uma alarmante desigualdade entre os géneros, principalmente tendo em conta o risco de as mulheres viverem agressões sexuais de

¹ Mais informação sobre o projeto disponível em: www.sexismfreenight.eu

maior ou menor gravidade nestes contextos (Noctambul@s, 2016). As mulheres que saem à noite enfrentam diversas tensões e contradições potencialmente desempoderadoras: se por um lado é expectável que se comportem de uma forma “respeitável” e conforme aos seus papéis de género, por outro sentem pressão social para se apresentar de uma forma *sexy* e desinibida (Griffin et al. 2013); por um lado, procuram autonomia através de consumos recreativos e sociais, por outro, receiam a perda de controlo e da manutenção do que se entende como “postura de mulher” (Lopes et al., 2010). Por esse motivo, e apesar da recente feminização dos ARN, não é de estranhar que muitos destes optem pela manutenção de práticas de objetificação do corpo das mulheres, sexualização da sua participação e banalização do assédio sexual.

O consumo de substâncias psicoativas (SPA), especialmente o álcool, ocupa um papel central nas experiências de lazer noturno (Noctambul@s 2016; Valente et al., 2016). Essencialmente por ser uma substância legal e culturalmente integrada, o álcool surge mais facilmente no discurso social moldado por um cenário de normalização, comercialização e acessibilidade. Como considerar o consumo como “algo nocivo” quando é de fácil acesso, legal, e um ato que é tao normalizado na nossa sociedade e até incentivado pela mesma? Assim, a cultura de consumo de álcool é um ato social que nos define e nos rodeia, dá sentido a certas esferas, atividades e relações sociais (Ruiz, 2014). A diversão tem múltiplas facetas, com múltiplos significados que são desenvolvidos socialmente. Assim, o papel dos meios de comunicação e da indústria recreativa, como elementos muito ativos na criação de significados relativos ao ideal da diversão, podem ter impacto no que atrai o consumidor ao consumo (Signoretti, 2017). Em ARN, as mulheres têm a tarefa acrescida de tentar conciliar esta cultura de consumo e de excesso com o cumprimento de guiões de género e dos atributos de feminilidade que lhe são impostos (recato, autocontrolo, passividade, subordinação). Em caso de violência sexual nestes contextos (e não só), a narrativa dominante adere à culpabilização da vítima pelos comportamentos abusivos aos quais é exposta, como o assédio sexual, os abusos ou as agressões sexuais (Pires, et al. 2018). Por esse motivo, durante os seus consumos de álcool os homens vivem o excesso de forma livre enquanto as mulheres fazem uso de um conjunto de comportamentos de proteção como forma de se proteger e prevenir situações de violência sexual (Balasch et al., 2018). Adicionalmente, múltiplas campanhas de prevenção de violência sexual ou dos riscos associados ao consumo de álcool à noite, responsabilizam a mulher pela sua autoproteção sugerindo que invistam nestes comportamentos protetores (Taylor, 2020). Assim, podemos considerar que ainda vivemos numa sociedade em que se ensina as mulheres a terem cuidados para que não passem por

situações de violência sexualizada em vez de se educarem os homens de forma que não se tornem agressores (Asociación Bienestar y Desarrollo, 2013).

Os toques ou outras importunações sexuais de menor intensidade, são a norma em muitos ARN, e apesar de muitas mulheres aceitarem esses comportamentos como uma condição quase inevitável para saírem à noite, muitas sentem-se incomodadas e invadidas na sua privacidade (Christmas & Seymour, 2014). A desculpabilização do comportamento abusivo ou agressivo dos homens remete, frequentemente, para uma alegada hipersensibilidade masculina, que justifica os comportamentos agressivos e dominantes com base na crença de que estes têm uma menor capacidade de resistir aos seus impulsos sexuais (Noctambul@s, 2017). Assim, a permissividade perante as agressões sexuais presente em ARN, está fundamentalmente relacionada com os códigos e mensagens subliminares, socialmente construídas e subjacentes aos papéis de género. Estas experiências são muitas vezes vividas e percecionadas através de uma lente que as designam como algo socialmente aceitável, normal ou até expectável, e por isso poucas vezes questionadas (Pires, Pereira, Moura e Valente, 2018). Neste sentido, é essencial olhar para a violência sexual em ARN a partir de uma perspetiva de género, que considera que não é o consumo de SPA que justifica estes comportamentos, mas a construção social hegemónica do masculino e do feminino.

Em Portugal, a partir de uma recolha de dados do projeto *Sexism Free Night* em 2019, com uma amostra de 550 participantes, uma grande parte das respondentes (mais de 90%) já experienciaram situações de assédio sexual em ARN: 85.7% das mulheres experienciaram comentários sexuais incómodos por parte de um homem; 74.5% experienciaram insistência, por parte de um homem, face a um não; 75.8% experienciaram toques não consentidos por parte de um homem; e 73.8% experienciaram roços apesar da resistência ou desconforto (Sexism Free Night, 2019). A permissividade perante situações de violência sexual presente nestes contextos está fundamentalmente relacionada com os seus códigos e mensagens subliminares associados aos papéis de género. No entanto, se algumas situações de assédio sexual ocorressem em contextos diurnos e mais formais seriam muito mais recriminadas e punidas (Noctambul@s 2016). Apesar de a violação e o assédio sexual serem valorizados pelo sistema legal (ainda que, com um longo caminho a percorrer nessa valorização), a violência sexual em ARN, especialmente toques não consentidos ou beijos, não são adequadamente regulados (Graham et al., 2010) levando potencialmente a uma maior normalização e generalização.

O presente estudo tem como objetivo descrever a perceção e os comportamentos de violência sexual em ARN, em função do género e da geração. Assim, o estudo pretende: a)

descrever a experiência ideal dos/as participantes numa saída à noite; b) identificar a frequência das saídas à noite e do uso de substâncias dos/as participantes; c) identificar as situações que a amostra considera como violência sexual; d) identificar a opinião dos/as participantes relativamente às substâncias envolvidas em agressões sexuais ou violações em contexto de festa; e) descrever a sua perceção sobre a violência sexual (ideias e crenças apreendidas a partir do nível de concordância com um conjunto de afirmações); f) descrever os comportamentos experienciados pelos/as participantes em ARN; e g) descrever os comportamentos praticados pelos/as participantes em ARN. Com a utilização das respostas de um questionário *online* será feita a comparação entre as respostas de pessoas que se identificam como homens e mulheres, tendo em vista uma análise de género sobre a violência sexual em ARN. Adicionalmente, será realizada uma análise geracional, que remete para o estudo da geração *millennial*, tendo em conta as principais características desta geração encontradas na literatura.

Enquadramento Teórico

Uma Análise Geracional e Uma Perspetiva de Género

Os estudos geracionais são fundamentais para a compreensão de comportamentos, atitudes, perceções e valores das diferentes coortes geracionais. Neste sentido, uma geração pode ser compreendida como um grupo identificável que partilha anos de nascimento, idade, localização e acontecimentos de vida significativos em fases críticas do desenvolvimento (Kupperschmidt, 2000). A teoria da socialização sugere que os membros de uma geração são influenciados por acontecimentos históricos, contextos políticos, sociais, culturais e económicos atuais que moldam os seus valores e comportamentos de forma significativa (Ward, 1974). O facto de viverem sob condições económicas, estilos de vida, culturas, ambientes, avanços tecnológicos semelhantes, etc., tem uma grande influência na maneira como os membros de cada geração aprendem, pensam, crescem, se comportam e tomam decisões (Culpin et al., 2015). Isto significa que os membros de uma mesma geração tendem a ter experiências comuns que se traduzem em vínculos concretos entre eles, e que são baseadas numa posição histórica, mas também numa “consciência dessa posição... moldada por eventos e experiências desse tempo” (Gilleard, 2004, p.108). Por exemplo, a geração *millennial* cresceu num tempo de expansão de possibilidades amplamente favorecidas pela internet e redes sociais, com um profundo impacto na sua geração em relação à comunicação e conexão com outras pessoas, e perceções de poder e hierarquia nas organizações (Eisner, 2005). Em comparação com outras gerações, os *millennials* são a primeira geração a experienciar o

acesso a informação, entretenimento e interação interpessoal 24 horas por dia (Tapscott, 2009).

Apesar de haver diferentes opiniões acerca do intervalo temporal que limita a geração *millennial*, parece haver um consenso entre a coorte de nascimento de 1981 a 1996. De acordo com o *Pew Research Center*, este intervalo foi escolhido porque inclui “fatores políticos, económicos e sociais fundamentais” incluindo os ataques terroristas do 11 de Setembro, a Grande Recessão e a explosão da internet (Pew Research Center, 2010). Também de acordo com este intervalo está a *American Psychological Association* considerando-o para a definição da geração *millennial*. Assim, de acordo com esta definição, em 2021 os *millennials* mais velhos vão fazer 40 anos e os mais novos vão fazer 25 anos.

Alsop (2008) refere-se aos membros da geração *millennial* como “*trophy kids*” ou meninos/as premiados/as. O autor explica que as experiências chave que estão associadas a esta geração incluem serem educados/as no âmbito de modelos parentais mais protecionistas e menos autoritários, participar em atividades extracurriculares, serem recompensados/as ou premiados/as por vários agentes sociais como as escolas ou equipas de desporto simplesmente pela participação e não de acordo com a *performance* ou mérito, e serem criados num contexto de grandes avanços tecnológicos incluindo a internet (Alsop, 2008). Estes efeitos de socialização podem ser responsáveis pela amplificação de traços tendencialmente individualistas como: o *sense of entitlement* (sentido irreal de titularidade e propriedade), a falta de empatia e compreensão dos/as outros/as, a falta de consciência relativamente ao impacto do comportamento individual nas outras pessoas, um sentimento de superioridade, e a impaciência acompanhada por uma capacidade de atenção reduzida. Quando estas tendências psicológicas atingem um patamar elevado, podem tornar-se clinicamente significativas, especialmente as relacionadas com os problemas de controlo de impulsos, perturbações do humor e narcisismo (Alsop, 2008).

Jean Twenge, autora do livro *Generation Me*, atribui aos/as *millennials* traços como a confiança e a tolerância, mas também os/as descreve como tendo um *sense of entitlement* (sentido irreal de titularidade e propriedade) e como mais narcísicos/as, tendo em conta os resultados do *Narcissistic Personality Inventory* (instrumento desenvolvido por Raskin & Hall para medir o narcisismo como traço de personalidade), que demonstram mais narcisismo entre os/as *millennials* quando comparados/as com as gerações anteriores.

De acordo com Howe e Strauss (2000) os/as *millennials* são caracterizados/as como: 1) especiais, vitais e cheios/as de expectativas (para si e para o futuro); 2) protegidos/as significativamente durante a infância, com muitas regras de segurança; 3) confiantes e

otimistas; 4) orientados/as para o trabalho em equipa; 5) focados/as em atingir resultados; 6) pressionados/as por sentirem o dever em ser bem-sucedido; 7) mais convencionais do que rebeldes (Howe & Strauss, 2000).

É particularmente relevante sublinhar do acima exposto o impacto que estas características, como a falta de empatia e compreensão dos/as outros/as, podem ter numa maior ou menor probabilidade em considerar algumas situações como violência sexual, compreender o que é uma agressão, importunação ou invasão de espaço e o que pode/deve ser considerado como violência e agressão sexual. Sendo que a investigação aponta a possibilidade em encontrar um/a parceiro/a romântico/a como uma das principais razões para sair à noite (Purcell & Graham, 2005), de que forma é que esta expectativa se traduz em pressão para se ser bem-sucedido/a nesta procura? Como pode o foco em atingir resultados, e a pressão por ser bem-sucedido/a e afetar esta procura? Como poderão os traços de confiança e otimismo obscurecer as barreiras do que é ou não aceitável numa interação? Como pode o narcisismo e o *sense of entitlement* associar-se a um sentimento de propriedade ou posse perante outra pessoa? Poderá a falta de empatia e compreensão dos/as outros/as, mencionada por Alsop (2008) estar relacionada com o não estabelecimento de limites ou compreensão de que a outra pessoa se sente invadida no seu espaço? Qual poderá ser o papel das normas sociais e papéis tradicionais de género na mediação desta interação? Tendo em conta que a feminização dos ARN coincide com esta geração, em que medida é que as normas tradicionais de género são transgredidas e/ou reproduzidas pelos/as *millennials*? Adicionalmente, até que ponto a exacerbação das tecnologias, a utilização da internet enquanto ferramenta de comunicação, pode ter enfraquecido a capacidade em comunicar e compreender pistas sociais face a uma recusa? Numa geração habituada a ter o que quer, no momento em que quer e com gratificação instantânea (Nevid, 2009), as interações sociais podem ser afetadas por isso, pondo em causa tensões de género que importa considerar.

Tendo em conta a geração enquanto objeto de estudo, nesta dissertação pretende-se também fazer uma análise de género para identificar e interpretar semelhanças e diferenças no perfil sociodemográfico, no padrão de consumo de SPA e de frequência em ARN, nas expectativas relacionadas com os ARN, nas crenças sobre violência sexual, e nos comportamentos de violência sexual experienciados e praticados entre o grupo de respondentes que se identificam como homens e como mulheres. Uma análise de género é uma tentativa sistemática de identificar questões-chave que contribuem para a desigualdade de género, para que estas possam ser devidamente abordadas (UNIFEM, 2009). Assim, esta análise estabelece a base para a integração dos géneros e pode ser descrita como o estudo das

diferenças das condições, necessidades, taxas de participação, acesso a recursos e desenvolvimento, controlo de bens, poder de tomada de decisão, etc, entre homens e mulheres nos seus papéis atribuídos (UNIFEM, 2009). Esta análise deve ser baseada no estudo das estatísticas desagregadas por sexo e por informação mais qualitativa acerca da situação dos homens e das mulheres. A estatística desagregada por sexo remete para dados recolhidos e analisados separadamente para mulheres e homens, permitindo a avaliação das diferenças entre ambos relativamente a várias dimensões sociais e económicas, e é um requisito para as estatísticas de género (EIGE, 2021).

O estudo e identificação destas diferenças pode, potencialmente, ser um dos primeiros passos para a promoção e criação de ambientes recreativos noturnos mais seguros e igualitários. Assim, e tendo em conta os dados obtidos a partir das respostas ao questionário, será feita uma comparação entre os dados recolhidos de pessoas que se identificam como mulheres e como homens no sentido de identificar potenciais diferenças a partir da análise estatística desagregada por género, permitindo a avaliação das mesmas. Serão identificadas: a) as características sociodemográficas incluindo idade, etnicidade, tipo de localidade de residência, e principal atividade; b) a frequência nas saídas para ARN; as diferenças de género perante: c) a frequência do consumo de SPA; d) o motivo de consumo de SPA em ARN; e) o que se constitui como uma experiência ideal dos participantes numa saída à noite; f) as situações que os participantes que frequentam ARN consideram como violência sexual; g) a perceção sobre a violência sexual (ideias e crenças apreendidas a partir das respostas no questionário ao nível da concordância com um conjunto de afirmações); h) os comportamentos praticados/experienciados pelos participantes em ARN.

Violência Sexual em Ambientes Recreativos Noturnos

Como referido anteriormente, a Convenção de Istambul adota uma perspetiva mais abrangente sobre a violência de género. Sendo esta constituída por elementos históricos e culturais que aportam um significado político e ideológico, o género opera como um mecanismo social em que “as mulheres são forçadas a assumir uma posição de subordinação em relação aos homens” (Sottomayor, 2015, p.106). São também definidos papéis, comportamentos, atividades e atribuições socialmente construídos e que numa sociedade são considerados apropriados para as mulheres e para os homens (Sottomayor, 2015). Assim, o conceito de “violência contra as mulheres baseada no género” remete para toda a violência, incluindo formas de violência de menor intensidade como o assédio sexual, que é dirigida contra uma mulher por ser mulher ou que afete desproporcionalmente as mulheres

(Sottomayor, 2015). Aqui, é importante remeter para o sexismo como aliado à violência contra as mulheres, em que os atos quotidianos de sexismo são parte de um continuum de violência que cria um ambiente de intimidação, medo, discriminação, exclusão e insegurança que limita as oportunidades e liberdade das mulheres.

Em Portugal, no Código Penal, a importunação sexual surge na reforma de 2007, com a modificação do preceito dos atos exibicionistas, aos quais se adiciona o constrangimento a contactos de natureza sexual (Ventura, 2018). No entanto, existe ainda resistência à inclusão na tutela penal de certas práticas frequentemente encaradas como consequências inevitáveis do facto de se ser mulher e de aceder ao espaço público. (Ventura, 2018). Tais condutas estão fora do âmbito penal, a não ser que decorram “através de alguma pressão, aperto, compressão, ou coação que configure um ato que, de alguma forma inequívoca, cerceia a liberdade sexual da vítima” (Lopes & Milheiro, 2015, p.130). Desta forma, sem “esse ‘mínimo’ que identifique, objetivamente, esse constrangimento” não há crime. (Lopes & Milheiro, 2015, p.130). Os comportamentos de violência sexual são, no fundo, um conjunto de práticas que configuram assédio reiterado no quotidiano, e em relação às quais o Direito Penal informa as mulheres que se devem conformar (e auto proteger). Isso não quer dizer que as mulheres não possam andar na rua sem qualquer restrição de ordem legal, mas fazem-no sabendo estão à mercê do exercício da liberdade masculina que permite opinar, agarrar, tocar a apalpar sem autorização (Ventura, 2018). Citando Débora Figueiredo, quando se pede ao “poder judicial para proteger os direitos e as liberdades das mulheres – o direito a dizer não, a sair sozinha, a vestir-se como entende sem ser sexualmente ameaçada ou agredida – isso implica enfraquecer o poder institucional masculino” (Figueiredo, 1998). No entanto, o grande objetivo do discurso judicial é manter o *status quo*, não o de desafiá-lo (Figueiredo, 1998).

Em Março de 2019 o Comité de Ministros do Conselho da Europa adotou uma nova Recomendação sobre Prevenção e Combate ao Sexismo. Este texto define o sexismo como qualquer ato, gesto, representação visual, palavras ditas ou escritas, práticas e comportamentos que têm por base a ideia de que uma pessoa ou um grupo de pessoas são inferiores devido ao seu sexo, que ocorrem na esfera pública ou privada, *online* ou *offline* com o propósito ou o efeito de: a) violar a dignidade ou os direitos da pessoa; ou b) causar dano ou sofrimento físico, psicológico, sexual ou socioeconómico; ou c) criar um ambiente intimidante, hostil, degradante, humilhante, ou ofensivo; ou d) manter ou reforçar estereótipos de género (ideias ou padrões sociais e culturais em que às mulheres e aos homens são atribuídas características e papéis determinados e limitados pelo seu sexo) (Council of Europe, 2019).

Durante milhares de anos, foi transmitido às mulheres pelas sociedades patriarcais - através do direito, da religião, da cultura, dos costumes – que o seu corpo não lhes pertencia, que não tinham o direito de decidir sobre ele e sobre a sua sexualidade. Assim, a violência sexual seria algo inerente à natureza feminina e à vida privada das mulheres. Visto desta forma, era tido como um imutável destino ou uma condição de ser mulher. As mulheres, inseridas na categoria dos bens transacionáveis, são urgidas a manter o único capital que detêm num mercado assente em interesses masculinos – primeiro, a sua virgindade, depois, a dedicação sexual exclusiva ao seu legítimo proprietário (Ventura, 2018). Desta forma, sendo que corriam o risco de estigmatização social, muitas vítimas permaneciam em silêncio, refletindo-se este fenómeno atualmente na culpabilização sistemática das vítimas e/ou na desacreditação do seu testemunho (Sottomayor, 2015).

O assédio sexual que remete para situações em que ocorre importunação sexual, podendo assumir-se como verbal, não verbal ou física, é uma realidade que pode estar presente em vários contextos da vida pública das mulheres, seja no trabalho, rua, transportes públicos, etc. (Pires et al., 2018). No contexto deste estudo, interessa-nos perceber as perceções e formas de violência sexual que emergem em ARN, tendo em conta as características destes contextos descritas anteriormente. Os tipos de violência sexual podem incluir, de acordo com Quigg et al. (2018): violação ou tentativa de violação (atos de penetração ou tentativa de penetração não consentidos, com ou sem o uso da força); contacto sexual indesejado, como apalpar, beijar e tocar; atividade sexual coagida, como ameaças, pressão verbal ou fornecimento oculto de álcool e drogas; envolver-se em atividade sexual com alguém que é incapaz de dar consentimento devido a intoxicação pelo uso de álcool ou drogas; e exploração sexual (por exemplo, permitir o acesso a menores de idade a locais em troca de favores sexuais) (Quigg et al., 2018). Apesar de a violência sexual ser recriminada e punida noutros contextos, esta assume-se com uma particular benevolência em ARN (Noctambul@s 2016).

Relativamente à prevalência da violência sexual em ARN no panorama mundial, existem já vários estudos que oferecem algum *insight* acerca desta problemática: num estudo realizado no Reino Unido com frequentadores de ARN, 70% das mulheres relataram ter experienciado algum toque sexual indesejado durante a noite em algum momento da sua vida (Kavanaugh, 2013); num estudo com estudantes do género masculino nos EUA, 92% relataram perpetrar pelo menos um ato sexualmente agressivo em bares desde que entraram na faculdade (Thompson & Cracco, 2008); num estudo brasileiro, um em cada 10 frequentadores de ARN relatou que alguém os beijou ou tentou ter relações sexuais contra a sua vontade

enquanto estavam na discoteca nessa noite (Santos et al., 2015); num estudo no Canadá, 50% das jovens (19-29 anos) frequentadoras de ARN relataram ter sofrido agressão sexual indesejada e/ou persistente numa saída à noite, sendo que destes, os principais tipos de comportamentos agressivos incluem o contacto invasivo (por exemplo, roçar a virilha contra uma pessoa) e envolver-se em tentativas de aproximação persistentes após uma recusa (Graham et al., 2014).

Segundo diversos estudos (Pires, et al., 2018; Graham et al., 2014; Graham et al., 2006; Graham et al., 2017; Parks & Miller, 1997; Parks & Scheidt, 2000; Parks & Zetes-Zanatta, 1999; Thompson & Cracco, 2008; Capraro, 2000; Quigg et al. 2018) os ARN tendem a facilitar a violência sexual. Os mitos que estão na base de expressões como “vale tudo”, “estas coisas acontecem” ou “calma, não é para tanto” facilitam que as agressões caiam na impunidade (Noctambul@s, 2018). De acordo com o Relatório Anual 2017-2018 do Observatório Noctambul@s, existem dois fenómenos que podem estar na base destes comportamentos: 1) o modelo de “engate” com base nos ideais do amor romântico e da violência machista, que torna expectável e justifica os objetivos de “caça” noturna; e 2) o contexto de festa em grupo e o efeito de camaradagem próprio da masculinidade hegemónica (Noctambul@s, 2018). Estes dois elementos somam-se para criar um contexto cúmplice às violências sexuais. É ainda necessário considerar uma terceira dimensão em que os ARN amplificam ainda mais o imaginário de “engate” e da “caça” através da promoção da sexualização do corpo das mulheres (Noctambul@s, 2018), facilitando a ocorrência de comportamentos agressivos. Com base no exposto, o presente estudo visa: a) descrever e explorar as diferenças o que os homens e as mulheres consideram uma experiência ideal numa saída à noite, e b) descrever e explorar as diferenças entre o que as mulheres e os homens consideram como violência sexual em ARN.

A inserção das mulheres em ARN, a elevação do estatuto feminino em todas as esferas da sociedade (em casa, no trabalho, na política, etc.) e o empoderamento conquistado por esta visibilidade cultural é utilizado por alguns autores como uma possível justificação para o aumento da agressividade masculina na geração *millennial* (Kimmel, 2017). Desta forma, Michael Kimmel, demonstra que o grande esforço por parte dos homens para a constante necessidade em provar a sua masculinidade contra a crescente influência das mulheres na sociedade contribuiu para mais manifestações masculinas de agressão desde os anos 90 (Kimmel, 2012). Adicionalmente, o aumento na prevalência de mulheres no mercado de trabalho pode constituir-se como uma ameaça ao poder masculino, no sentido em que é menos provável que o homem seja o principal provedor a sustentar a família (ou o principal

“ganha-pão”) (Kimmel, 2012). As mudanças nas dinâmicas de poder, particularmente em torno do gênero e sexualidade, tornam-se centrais na compreensão da cultura *millennial*. Os homens e as mulheres que crescem na viragem do século 21 foram expostos a diversos e promíscuos estilos de vida e valores morais, e mensagens ambivalentes de gênero e identidade, sendo que essas mensagens se espalham por um meio central para a vida dos *millennials*: a música comercial e os programas televisivos (Takahashi, 2014). A “*boy culture*”, atribuída à geração *millennial*, aponta para uma homosocialidade em que a vida dos homens é maioritariamente passada com outros homens e julgada (ou avaliada) por outros homens, com uma necessidade constante de afirmação da heterossexualidade e em que o método tradicional para um homem provar a sua autenticidade é “conseguir engatar uma mulher” (Kimmel, 2008). O “*Guy Code*”, associado à expressão “*bros before hoes*”, é uma compilação de valores, comportamentos e atitudes que definem como ser homem, e que requer que os homens “tenham sexo com o maior número de mulheres possível, com a maior frequência possível, não importa como” (Kimmel, 2008). Jean Twenge, aponta para uma mudança no comportamento sexual nesta geração, em que o “engate” tende a substituir as relações amorosas nos *millennials* (Twenge, 2006).

Socialização de Gênero, *Performance* e Crenças Sobre Papéis de Gênero e Violência Sexual

Encontrar um/a potencial parceiro/a sexual ou romântico/a para prazer mútuo é uma das principais razões pelas quais os/as jovens adultos saem à noite (Purcell & Graham, 2005). No entanto, nem todos estes contactos, sejam eles românticos ou sexuais são positivos ou consensuais, levando a que a agressão relacionada com insinuações sexuais seja uma experiência comum em ARN (Graham et al., 2014). A agressão pode envolver uma percepção errada relacionada com: as diferenças de gênero na percepção de interesse sexual, o tipo de insinuações sexuais que são percecionadas como apropriadas, as expectativas relacionadas com a obrigação em aceitar as insinuações sexuais e as maneiras de comunicar a recusa sexual (Abbey et al., 2001; Parks & Miller, 1997). No entanto, ainda que percecionar erroneamente o interesse sexual da outra pessoa possa ser utilizado como uma das justificações para a ocorrência de situações de violência sexual em ARN, a agressão também pode tomar a forma intencional de assédio ou contacto sexual, que habitualmente é perpetrado por homens a mulheres (Graham et al., 2014). Estas agressões podem incluir apalpar os seios de uma mulher, roçar o corpo numa mulher desconhecida na pista de dança e fazer comentários acerca do corpo da mulher (Parks & Miller, 1997). Estes comportamentos parecem fazer parte

da reprodução do papel dominador atribuído à identidade masculina nestes contextos, relacionadas com a coesão grupal, a asserção ou defesa da sua identidade social e as atitudes masculinas acerca das mulheres que consomem álcool (Parks & Scheidt, 2000; Graham et al., 2017; Parks & Miller, 1997; Graham et al., 2014). Por defeito, a natureza dos contextos sociais públicos significa que os indivíduos estão constantemente a interpretar e a responder a respostas de outros. A nossa interpretação do comportamento de outra pessoa é fortemente baseada na experiência, que pode incluir perceções culturalmente enraizadas, como seriam os estereótipos (Parks & Scheidt, 2000). Os contextos de lazer noturno podem ser reconhecidos como espaços para *performances* competitivas de masculinidade, ou de masculinidade hegemónica (conceito criado por Connell, 1995), em que “fazem” masculinidade num ambiente tolerante à misoginia. A noite é considerada um espaço-tempo que é propriedade dos homens, em que acontece o jogo de sedução que coloca em causa a projeção da avaliação que os homens fazem da masculinidade de cada um, entendida neste contexto como eficácia na predação sexual (Almeida, 2018). Desta forma, a masculinidade hegemónica é um mecanismo de vigilância ou controlo produzido pelos homens, entre homens, e tem um impacto significativo na sexualidade e nos comportamentos sexuais, impondo a coletividade masculina nos pensamentos, decisões e práticas sexuais (Grave et al., 2020).

Em ARN, a exposição de hipermasculinidade está particularmente visível e normalizada, sendo de certa forma expectável e podendo passar por disputas para ver quem bebe mais, lutas relacionadas com consumos, interação sexualizada não solicitada, discurso misógino com palavras como “boa” e “porca” ou violência sexual (Thompson & Cracco, 2008; Parks 2000). Os homens em bares sentem-se legitimados e incentivados para agir, sendo expectável o comportamento de “hétero-masculinidade” que envolve a assertividade/agressividade sexual e *bravado* (Capraro, 2000). Pelas expectativas envolvidas em ARN, e tendo em conta a expectativa de sexualidade ativa esperada na *performance* de formas de masculinidade hegemónica, os homens podem iniciar encontros sexualizados e comportamentos sexuais agressivos que não realizariam em qualquer outro contexto, pelo menos, sem repercussões (Kavanaugh, 2010; Quigg et al., 2018). Em bares, os homens tornam-se quase como artistas a representar uma masculinidade que é específica ao contexto, e em que geralmente os amigos servem de plateia (Connell, 1995). A aprovação da exibição da masculinidade é conferida por outros homens e é algo que o indivíduo arrisca perder se não se comportar da maneira que é expectável de acordo com o género (Connell, 1995). Assim, os comportamentos de violência sexual em contexto noturno podem ser percecionados como um comportamento normalizado entre homens. A agressão em ARN poderá servir como uma

maneira de provar e merecer a sua virilidade, ainda que nem sempre essa violência sexual seja consonante com a imagem que mantêm de si. Este comportamento seria, desta forma, específico ao contexto e não uma característica inerente ao homem que a exhibe (Thompson & Cracco, 2008). Sendo as suas *performances* são destinadas a serem testemunhadas por outros homens, quando estas não são desafiadas, podem (re)legitimizar as normas convencionais da hiperhegemonia e hipermasculinidade encontrada em ARN (Thompson & Cracco, 2008). Neste sentido, é a natureza simbólica do comportamento que é realmente importante.

Para Judith Butler, o género não é algo que se é, mas algo que se representa. As construções linguísticas criam a nossa realidade, pelos atos discursivos com os quais participamos no dia a dia. Ao citarmos as convenções e ideologias do mundo social que nos rodeia, nós representamos essa realidade (Salih, 2007). No ato performativo do discurso, nós “incorporamos” essa realidade ao a representarmos com os nossos corpos, mas essa “realidade” não passa de uma construção social. Desta forma, o “corpo torna-se o seu género através de uma série de atos que são renovados, revistos e consolidados ao longo do tempo” (Butler, 1988, p.524). Assim, o género é essencialmente uma repetição performativa de atos associados ao homem e à mulher. O que é necessário para que hegemonia das normas heteronormativas mantenham o seu poder é a nossa contínua repetição da representação dos guiões de género até nas atividades mais mundanas do quotidiano (a forma como andamos, falamos, gesticulamos, etc.). Nas palavras da autora: “O ato que uma pessoa representa, o ato que uma pessoa interpreta, é de certa forma, um ato que começou ainda antes de entrarmos em cena. Neste sentido o género é uma *performance* que foi ensaiada, tal como um guião que sobrevive os atores que o utilizam...” (Butler, 1988, p.526).

O conceito de género, socialmente construído, impõe diferentes funções aos homens e às mulheres na sociedade. Às mulheres é-lhes reservado o espaço privado ou doméstico, enquanto que aos homens há espaço no poder político e económico (Sottomayor, 2019). Estas normas sociais de género que confinam as mulheres ao espaço doméstico levam à penalização de comportamentos que são considerados transgressivos ao seu papel de género como seria a participação das mulheres em contextos noturnos. Quando a esta participação acrescentamos o consumo de SPA associados a estes contextos, a mulher é duplamente penalizada pela transgressão e adoção de comportamentos considerados masculinos. Desta forma, a transgressividade/risco/desviância de um mesmo comportamento - neste caso, o consumo de álcool ou outras SPA - é avaliado em função do género. Daqui resultam mitos da violação, como uma série de crenças enraizadas que culpabilizam as mulheres pela sua própria vitimação principalmente quando esta ocorre no seguimento de comportamentos

autodeterminados (participar na esfera pública, consumir SPA, etc.). Aqui fará sentido remeter para o “fantasma” das falsas alegações que é muitas vezes invocado quando há uma queixa de violação ou de outro crime sexual (sendo que o mesmo não acontece relativamente a queixas de outros crimes) (Sottomayor, 2015). Este receio associado às alegações falsas no contexto de crimes sexuais é o resultado de uma cultura de raízes misóginas, em que se desconfia do discurso das vítimas e em que é mais valorizado o estatuto social dos homens do que o das mulheres (Sottomayor, 2015; Ventura, 2017). A discriminação, por razões históricas e culturais, marca a vida das mulheres. O sistema patriarcal, refletido em padrões socioculturais e preconceitos, costumes e tradições traduzem-se na inferioridade das mulheres e no papel estereotipado dos homens e das mulheres (Sottomayor, 2019).

As agressões sexuais masculinas em ARN podem também estar relacionadas com assunções ou crenças que os homens têm acerca das mulheres que ocupam este local social. Assim, os homens tendem a perceber as mulheres que bebem em bares como mais disponíveis sexualmente, descrevendo, até mulheres que já conheciam bem noutros contextos, como “mais soltas” (Parks & Scheidt, 2000). Esta crença pode levar a que os homens vejam as mulheres como alvos que encaixam nas suas exibições de “masculinidade hétero” e violência sexual (Abbey et al., 2001). As construções sociais de género equacionam a sexualidade masculina com competição e conquista, e a sexualidade feminina com passividade e restrição. Estas construções diluem os limites entre a violação/agressão e o comportamento heterossexual normativo. Neste contexto, um homem que procura sexo agressivamente e persiste até quando a mulher diz “não” pode ser visto como apenas seguindo o seu guião masculino, enquanto que a mulher que diz “não” é vista como estando a “fazer-se difícil” quando na realidade quer ser convencida (Connel, 1995). O que está subjacente a estas construções são os mitos da violação que remetem para as atitudes e crenças que são geralmente falsas, no entanto, altamente disseminadas e mantidas persistentemente, que servem para negar ou justificar a agressão sexual masculina sobre as mulheres (Lonsway & Fitzgerald, 1994). Alguns exemplos dos mitos de violação acima referidos seriam: “apenas as raparigas más são violadas”; “qualquer mulher saudável consegue resistir a um agressor se quiser mesmo”; “algumas mulheres estão mesmo a pedi-las”; “as mulheres dizem que é violação quando foram rejeitadas ou querem encobrir algo”; “os agressores são famintos por sexo, malucos, ou os dois” (Burt, 1980). Apesar de uma função primária destes mitos ser a justificação da agressão sexual masculina contra as mulheres, estes também fazem parte de um conjunto mais amplo de discursos dominantes sobre a mulher, o homem, a sexualidade e funcionam em conjunto para obscurecer o reconhecimento de situações específicas de

violência sexual (Payne et al., 1999). Adicionalmente, uma das funções mais comuns destes mitos na literatura é a opressão e o controlo social das mulheres (Burt, 1980).

Para além de normalizar a agressão sexual masculina, os mitos da violação e os estereótipos de género podem também contribuir para a responsabilização da vítima pela sua vitimização. Por exemplo, as mulheres podem ser vistas como merecedoras ou vítimas legítimas quando se comportam de forma “inapropriada”, por exemplo embriagando-se, sendo sexualmente assertivas, ou saindo à noite sozinhas (Weiss, 2009). As ideologias acerca da sexualidade masculina também contribuem para uma compreensão distorcida da violação, especialmente a ideia de que os homens não conseguem controlar os seus impulsos sexuais e são obrigados a “terminar o que ela começou” (Burt, 1980). Esta crença amplamente disseminada, assume que a agressão sexual masculina faz parte da sua genética de base, que é natural e difícil de conter. Assim, alguns homens e mulheres assumem que é aceitável um homem persistir se uma mulher o “excitou”, acreditando que os homens são incapazes de se controlar uma vez que os seus impulsos sexuais são postos em ação (Weiss, 2009).

Tendencialmente, os indivíduos criam desculpas ou justificações para explicar comportamentos moralmente repreensíveis, sendo que estas desculpas possibilitam a manutenção de uma imagem de si positiva e um maior sentido de controlo sobre a situação (Snyder & Higgins, 1988). Desta forma, as desculpas permitem que o indivíduo desloque o seu *locus* de causalidade de fatores individuais, internos e estáveis para fatores externos e situacionais. Neste sentido, os agressores sexuais usam desculpas ou justificações após a agressão para deslocar a culpa para a vítima, utilizando o comportamento da vítima e outras pistas ambientais para justificar o seu comportamento agressivo (Hayes et al., 2016). Assim, as desculpas absolvem os agressores da culpa e vergonha que acompanharia uma transgressão moral. Sem esta autocontemplanção negativa, os agressores têm uma maior probabilidade de se sentirem confortáveis em repetir o comportamento no futuro, assim como a possibilidade de não se percecionarem como um agressor (Wegner et al., 2015). O conceito de agressor fantasma, criado pelo Observatório Noctambul@s (2017), pode ser útil na compreensão do fenómeno, no sentido em que identifica a discrepância entre a quantidade de relatos de mulheres que reconhecem ter experienciado um episódio de violência sexual, comparativamente com o reduzido número de homens que se identificam como agressores (Noctambul@s, 2017). O reconhecimento de si enquanto agressor ou perpetrador da violência, é uma temática sensível não só por parte de quem exerce a violência, mas também por parte das vítimas que a experienciam. De modo ilustrativo, o 5º Relatório Anual (2017-2018) do Observatório Noctambul@s, através de um questionário aplicado a 1541

frequentadores de ARN, foi relatado que 97% das mulheres reportaram ter recebido comentários incômodos por parte de um homem, e só 20% dos homens reconheceram ter realizado algum comentário incômodo a uma mulher, sendo que o resto dos participantes afirmam não ter agredido verbalmente uma mulher, revelando (possivelmente) uma dificuldade no reconhecimento do seu comportamento como uma agressão. Mais especificamente, de acordo com o Observatório Noctambul@s enquanto que 23% dos homens entrevistados reconhecem ter feito comentários incômodos a uma mulher, só 4% declarou ter insistido depois de uma recusa. Contrastando com estes, os dados obtidos das mulheres entrevistadas apontam para 74% que relatam ter sofrido comentários incômodos e 28% reportam insistências após uma recusa. Os dados demonstram que se exerce violência, com uma alta proporção, mas não se identificam ou reconhecem os homens que as exercem. Neste sentido, existe a necessidade de trabalhar para a desnaturalização e para o processo de autorreconhecimento enquanto possíveis agressores através de estratégias preventivas (Noctambul@s 2018). É também interessante mencionar que não só as mulheres reconhecem ter sofrido algum tipo de violência sexual, como também os homens reconhecem que as mulheres sofrem da mesma – no entanto, não reconhecem essa atitude agressora em si mesmos ou noutros homens (Noctambul@s, 2017). No presente estudo, a utilização do conceito de agressores fantasma prende-se pela possibilidade de dar um nome à discrepância evidenciada pelos números que pode levantar algumas questões, nomeadamente: os homens podem não ter uma percepção adequada do que é a violência sexual, sendo que mesmo que sejam agressores, não se identificam como tal. Podem ainda, ver como expectável o seu comportamento em ARN, sem que coloquem em causa a transgressão do mesmo, por se comportarem de acordo com a norma social. Neste sentido, este estudo visa explorar e descrever as diferenças entre homens e mulheres: a) na sua percepção (ideias e crenças) sobre a violência sexual, b) nos comportamentos de violência sexual realizados em ARN, e c) nos comportamentos de violência sexual experienciados em ARN.

Consumo de Substâncias Psicoativas e Violência Sexual

No que ao consumo de substâncias concerne, o álcool é a droga mais consumida pela grande maioria dos frequentadores de ARN, seguida pelo tabaco e o canábis (Noctambul@s, 2018). Remetendo para a geração em estudo, a diferenças no consumo de álcool entre homens e mulheres é ligeiramente visível em jovens adultos, sendo que esta diferença tende a dissipar-se à medida que os homens e as mulheres entram nos 30 e 40 anos (Slade et al., 2016). Ainda assim, apesar de o consumo de álcool estar equilibrado entre homens e

mulheres, a percepção de risco no consumo recreativo de substâncias segue modelos de gênero também na educação: como mencionado por Ruiz (2014) aos meninos educa-se na cultura do consumo excessivo, enquanto com as meninas o mesmo não acontece. Com os homens, o consumo de bebidas alcoólicas é visto com benevolência, mas quando o mesmo acontece com as mulheres, estas continuam a receber muita penalização social, sendo que este consumo parece continuar a funcionar como um mecanismo de masculinidade (Ruiz, 2014).

O consumo de álcool é, assim, alvo de estereótipos de gênero com dois pesos e duas medidas. Ser capaz de beber de forma excessiva e aguentar a bebida são elementos importantes da masculinidade tradicional, relacionados com traços masculinos como o correr riscos, a resiliência física e a agressão. No entanto, o consumo de álcool excessivo não é visto como um comportamento feminino aceitável, estando associado a comportamentos “não femininos” como a desinibição sexual, e é ainda considerado como prejudicando o comportamento maternal e a capacidade de cuidar (de Visser & McDonnell, 2012). Assim, é importante ressaltar que «ter realizado um consumo voluntário prévio entende-se como uma atenuante para a culpa do agressor, mas, em troca, julga-se como um agravante da culpa da vítima de violência sexual» (Noctambul@s 2016, p. 29).

A investigação demonstra que o consumo de SPA não é a causa por si só (Becker & Tinkler, 2015; Abbey et al., 2001; Abbey, 2011; Wall & Quadara, 2014), mas que os efeitos cognitivos farmacológicos interagem com as características individuais (personalidades, sexo e crenças acerca do consumo de álcool), e com as normas sociais e culturais acerca do gênero. As narrativas que culpabilizam a vítima (ex.: bebeu demais, não se conseguiu proteger; perdeu o controle) e desculpabilizam o agressor (ex.: estava embriagado, não conseguiu controlar os seus impulsos sexuais; estava alterado, não percebeu que ela não queria) são perigosas e alarmantes, sendo que perpetuam mitos da violação. Assim, é da maior importância sublinhar que o consumo de SPA pode estar a desviar a atenção do cerne do problema: não é o uso de substâncias que justifica ou desculpabiliza a violência, o agressor é o único responsável (Pires et al., 2018). Adicionalmente, o consumo de SPA é também um comportamento performativo e mediado pelo gênero. Por esse motivo, é expectável que os homens se envolvam em consumos excessivos e é expectável que as mulheres se controlem nos seus consumos. Nesse sentido, em ARN, as mulheres tendem a experienciar tensões difíceis de conciliar: a pressão neoliberal para a perda de controle e a vivência do excesso (em alguns casos, fortemente incentivada pelo acesso a bebidas gratuitas nos ARN mais sexistas), e a pressão para o auto-controle e a auto-vigilância, para não melindrar os atributos de feminilidade que lhe são impostos e para se protegerem. Não é portanto de estranhar que, em

termos de padrões de consumo, as mulheres adotem mais comportamentos protetores do que os homens (Balasch et al., 2018; Pires et al., 2018). Assim como não é de estranhar que os homens reportem mais consequências negativas associadas ao consumo relacionadas com conflitos interpessoais e com a autoridade, acidentes e intoxicação aguda e as mulheres reportem mais situações de violência sexual (Balasch et al., 2018). Nesse sentido, os padrões de consumo de SPA e vivência do risco e de consequências negativas associados a estes consumos em ARN devem ser analisados através de uma perspectiva de género. Desta forma, descentraliza-se o olhar meramente das características farmacológicas e efeitos das SPA e dirige-se o panótico para as normas hegemónicas de género e a forma como são reproduzidas nestes contextos e comportamentos. Neste estudo, procura-se também perceber em que medida é que os e as respondentes aderem a crenças que centralizam o consumo de SPA enquanto causa para o comportamento agressivo e para a violência sexual.

Método

Desenho do Estudo

Por método de investigação entendem-se as técnicas e práticas utilizadas para recolher, processar e analisar os dados (Bowling, 1998). Neste estudo será adotada uma abordagem quantitativa com a utilização dos dados obtidos num questionário *online*. Dentro da abordagem quantitativa o presente estudo é de carácter descritivo, sustentando os seus resultados na estatística descritiva que remete para um conjunto de medidas, de tendência central e de dispersão, que permitem a descrição de um conjunto de dados (Martins, 2011).

A pesquisa descritiva procura descobrir e observar fenómenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los (Rudio, 1985). O desenho descritivo permite criar um retrato do estado atual da temática a ser estudada, possibilitando o desenvolvimento de discussões e possíveis futuras ações (Stangor, 2011). Assim, conseguimos um retrato dos pensamentos, sentimentos ou comportamentos num certo espaço e tempo. Na investigação descritiva, a metodologia quantitativa permite usar métodos mais formais de medida de comportamento, como questionários, desenhados para serem sujeitos a análise estatística. Uma vantagem da investigação descritiva remete para a tentativa de capturar a complexidade do comportamento do quotidiano. A utilização de um questionário permite a obtenção da perceção de vários indivíduos de uma só vez, sendo a investigação descritiva utilizada para fornecer uma compreensão abrangente do que acontece na atualidade (Wallinga & Stangor, 2014).

Este estudo foi aprovado pela Comissão de Ética para a Saúde da Universidade Católica Portuguesa- Investigação na Área das Ciências da Saúde (parecer de aprovação nº90²).

Amostra

Os critérios de inclusão da amostra remetem para participantes que: a) se identifiquem enquanto homem ou mulher; 2) tenham nascido entre 1981 e 1996; 3) identifiquem a heterossexualidade enquanto orientação sexual; 4) tenham Portugal enquanto país de residência; 5) frequentem contextos noturnos (no mínimo 6 vezes por ano). Assim, a seleção da amostra levou à exclusão da base de dados dos participantes que não cumprem os critérios identificados. Estes critérios foram delineados tendo em conta os objetivos do estudo: as idades incluídas refletem a geração *millennial*; a não inclusão de outras identidades de género ou orientações sexuais não pretende refletir uma atitude discriminatória, mas antes, uma compreensão de que existem diferentes dinâmicas particulares associadas à população LGBTQI+ que devem ser tidas em conta na interpretação de resultados; a residência em Portugal permite responder ao objetivo de uma descrição ao nível nacional.

Assim, a amostra do presente estudo é constituída por 143 participantes dos quais 109 são mulheres, e 34 são homens. As idades variam entre os 25 e os 40 anos de idade (tendo em conta a geração em estudo), com uma média de 29 anos. Sendo a amostra selecionada de acordo com os objetivos do estudo, todos os participantes se identificam como heterossexuais, e como homens ou mulheres. O país de residência selecionado, de forma a garantir uma experiência mais culturalmente homogénea da amostra, é Portugal. Relativamente às habilitações literárias da amostra, a maioria concluiu os estudos universitários em licenciatura/bacharelato 42,7% ou mestrado 45,5%. No que diz respeito ao tipo de localidade de residência, uma grande parte dos participantes, 71,3%, residem numa cidade de grande dimensão, seguidos de 21,7% que residem numa cidade de média dimensão. No que à principal atividade concerne, o trabalho a tempo inteiro é a ocupação mais comum com 58% da amostra, seguindo-se 16,8% que são trabalhadores/as independentes e 12,6% que são estudantes. Relativamente à frequência nas saídas para contextos de festa, após a exclusão dos participantes que referem nunca sair para estes contextos, 25,2% referem sair ocasionalmente (6-12 vezes por ano), 49% referem sair frequentemente (mais de uma vez por mês) e 25,9% referem sair com muita frequência (mais de uma vez por semana).

² Para mais informações: <https://www.ucp.pt/pt-pt/node/29386>

Instrumento

Os questionários podem ser desenhados para medir certos fenómenos (eventos, comportamentos, atitudes) na população de interesse. Estes são identificados como descritivos porque é recolhida informação de uma amostra da população de interesse e são utilizadas medidas descritivas (Moser & Kalton, 1971). Também são reconhecidos como transversais, no sentido em que a recolha de dados ocorre num só momento do tempo. Aos/às respondentes é habitualmente pedido que se reportem a eventos, sentimentos e comportamentos retrospectivamente, sendo considerados questionários retrospectivos (Bowling, 2014). No presente estudo, foi utilizada uma abordagem metodológica quantitativa, em que o instrumento utilizado foi um questionário *online* composto por perguntas de resposta fechada e aberta. O instrumento consiste em 4 partes: 1) secção de informação geral em foi obtido o perfil sociodemográfico do/da participante; 2) secção acerca dos ambientes de lazer noturno e consumo de drogas que remete para a frequência da participação em contextos de festa, frequência dos consumos e motivo do consumo; 3) secção de mobilidade que remete para os meios de transporte utilizados para ir, regressar ou mover durante uma saída num contexto de festa e também a sua percepção de segurança; 4) secção da percepção sobre a violência sexual que identifica ideias e crenças sobre o significado de violência sexual; 5) secção de experiências relacionadas com violência sexual que se foca nas experiências pessoais enquanto testemunha ou pessoa que vivenciou situações de violência sexual; e 6) secção de respostas de apoio que se fica na ajuda que o participante solicitou caso tenha sido vítima de violência sexual.

Tendo em conta o objetivo do presente estudo, foram selecionadas para a análise as seguintes secções e questões: a) informação geral: idade, género, orientação sexual, etnicidade, país de residência, nacionalidade, tipo de localidade, habilitações literárias, principal atividade; b) ambientes recreativos noturnos e consumo de drogas: “Com que frequência saíste para os seguintes contextos de festa?”, “Para ti, o que é uma experiência ideal de saída para um contexto de festa?” (exemplo: dançar a noite toda, seduzir, ter relações sexuais, encontrar um/a parceiro/a romântico), “Com que frequência usas ou já usaste as seguintes substâncias psicoativas?”; c) percepção sobre a violência sexual: “Na tua opinião, quais das seguintes situações são violência sexual?” (escala de *likert* de 1 – nunca é violência sexual a 5 – é sempre violência sexual), “Concordas com as seguintes afirmações?” (escala de *likert* de 1 – discordo totalmente a 5 – concordo totalmente), “Na tua opinião, que substâncias estão envolvidas em agressões sexuais ou violações em contextos de festa?”; e d) experiências relacionadas com violência sexual: “Quais dos seguintes comportamentos experienciaste em

contextos de festa?”, “No caso de teres experienciado alguma destas formas de violência sexual, o principal agressor era um homem?”, e “Quais dos seguintes comportamentos praticaste em contextos de festa?” (exemplo: piadas sexistas com conteúdo sexual, insistência face a uma recusa, toques não consentidos, apalpões ou toques insistentes).

Procedimento de Recolha de Dados

O questionário foi criado através do REDCap³, em que o link para o questionário foi partilhado nas redes sociais do projeto, da Universidade Católica Portuguesa e de parceiros de disseminação. Foi também divulgado através de *mailing lists* com parceiros estratégicos e através de artigos nos média, após o envio de um *press release*. A data de recolha foi de 26 de novembro a 30 de dezembro de 2021. O questionário foi apresentado aos participantes acompanhado de uma breve introdução que definia os objetivos do estudo, e que garantia o anonimato e confidencialidade da informação obtida.

A utilização de *websurveys*, ou questionários *online* divulgados virtualmente, têm vindo a ganhar cada vez mais interesse entre a comunidade científica, sobretudo porque reduzem substancialmente os custos associados às abordagens mais tradicionais de investigação com administração presencial, e permitem recolhas de dados mais rápidas (Faleiros et al., 2016; Matias et al., 2019). Estas abordagens apresentam também vantagens no contacto com pessoas de difícil acesso e possibilitam a recolha de informação sobre comportamentos estigmatizados como o consumo recreativo de substâncias ativas (Barratt et al., 2017; Matias et al. 2019) e comportamentos sensíveis relacionados com atitudes sexuais (Burkill et al., 2016).

A investigação via internet, quando comparada com condições de laboratório, parece demonstrar resultados surpreendentemente semelhantes (Krantz & Dalal, 2000). Com um questionário *online* o objetivo será o de alcançar o máximo de pessoas possível para uma boa caracterização das dinâmicas de sexismo e violência sexual que acontecem durante as saídas à noite e consumos sociais de álcool e outras drogas. Existem várias vantagens associadas à utilização da internet, e das redes sociais, como estratégia de recolha de dados como: a) os custos reduzidos associados à recolha de informação acerca do comportamento humano, sendo que não é necessário um local e um profissional presente; b) é mais rápido do que os métodos *offline*, sendo a recolha de dados automatizada e maior o número potencial de participantes; c) menor risco de respostas refletindo deseabilidade social dada a ausência de

³ Mais informação sobre esta aplicação web disponível em: <https://www.project-redcap.org/>

um investigador; d) o processamento dos dados é rápido e fácil, sendo possível a recolha e processamento em simultâneo, assim como a visualização dos resultados em tempo real (Netquest, 2017).

Procedimento de Tratamento de Dados

Para a análise de dados, foi utilizado o *software* IBM SPSS 25 em que foram realizadas análises descritivas para descrever a amostra e executadas análises descritivas estatísticas das variáveis que caracterizam a violência sexual, tendo em conta a perceção dos participantes, os seus comportamentos e as suas experiências.

Foram selecionadas do questionário, as perguntas que respondem aos objetivos do presente estudo. Assim, para as questões em que a resposta é dicotómica, as análises descritivas possibilitam a compreensão frequência de cada resposta (exemplo: “Na tua opinião, que substâncias estão envolvidas em agressões sexuais ou violações em contexto de festa?” – álcool: sim, não, não respondo), e as diferenças entre os géneros. O teste qui-quadrado de *Pearson* foi também utilizado para estas questões no sentido de perceber se existem diferenças estatisticamente significativas em função do género para estas questões.

Adicionalmente, no sentido de averiguar se as médias da variável dependente (frequência no consumo de substâncias, em que medida as situações expostas são violência sexual, o nível de concordância com um conjunto de afirmações e a frequência de comportamentos de violência sexual experienciados e realizados em contextos de festa) nos dois grupos em comparação (género feminino e masculino) diferem significativamente uma da outra foram testados os pressupostos de normalidade e homocedasticidade para a aplicação do teste paramétrico, teste T. A análise exploratória de dados revelou não estarem cumpridos os pressupostos subjacentes à utilização de testes paramétricos, por outras palavras, o pressuposto da normalidade comprovado pelos resultados do *Kolmogorov-Smirnov* e no *Shapiro-Wilk* em que o $p < .005$. Assim, para a análise dos dados foi utilizado o teste não paramétrico equivalente, *Mann-Whitney*. Para cada variável medida numa escala de *likert* (exemplo: “Quais dos seguintes comportamentos experienciaste em contextos de festa?” - comentários sexuais indesejados – 1 = sempre, 2 = muitas vezes, 3 = raramente, 4 = nunca, 5 = não respondo), tendo em conta os objetivos dos estudos, foi feita uma descrição das percentagens nas respostas das mulheres e dos homens e analisado em que respostas existem diferenças estatisticamente significativas, de acordo com o teste realizado.

Resultados

Experiência Ideal de Saída Para um Contexto De Festa

Do total da amostra de 143 participantes, relativamente ao que se constitui como uma experiência ideal de saída para um contexto de festa, 99.3% selecionaram a resposta “divertir-me com amigos/as” (99.1% das mulheres e 100% dos homens da amostra); 51% selecionaram a resposta “consumir álcool ou outras drogas” (44% das mulheres e 73.5% dos homens da amostra); 59.4% selecionaram a resposta “dançar a noite toda” (61.5% das mulheres e 52.9% dos homens da amostra); 51.7% selecionaram a resposta “para ter experiências prazerosas” (48.6% das mulheres e 61.8% dos homens da amostra); 52.4% selecionaram a resposta “conhecer pessoas novas” (50.5% das mulheres da amostra 58.8% dos homens da amostra; 22.4% selecionaram a resposta “seduzir/flerte – não significa ter relações sexuais”; 4.9% selecionaram a resposta “ter relações sexuais” (0.5% das mulheres e 17.6% dos homens da amostra); 84,6% selecionaram a resposta “ouvir música” (82.6% das mulheres e 91.2% dos homens da amostra); 8.4% selecionaram a resposta “encontrar um/a parceiro/a romântico”; e 1.4% selecionaram a resposta “outros” escrevendo na caixa de texto livre as respostas “conversar” e “ter experiências novas, conhecer locais novos, reencontrar amigos”.

Após a realização do teste qui-quadrado de *Pearson* é possível concluir que há uma associação significativa entre o género e a experiência ideal numa saída à noite ser “consumir álcool ou outras drogas” $\chi^2 (1, N =143) = 9.02, p = .003$. Enquanto no género masculino, 73.5% dos participantes selecionaram esta resposta, no género feminino apenas 44% a selecionaram. Há também uma associação significativa na resposta “ter relações sexuais”, Teste de *Fisher*, $p = .001$. Enquanto 17.6% dos homens da amostra selecionaram esta opção, apenas 0.9% mulheres o fizeram.

Frequência na Utilização de Substâncias Psicoativas

De forma a obter os padrões de consumo dos/das participantes, foi utilizada uma questão (“com que frequência usas ou já usaste as seguintes substâncias psicoativas?”) que se reporta à frequência na utilização de uma lista de substâncias, com uma resposta em escala de *likert* de seis pontos em que: 1 = “nos últimos 30 dias”, 2 = “nos últimos 6 meses”, 3 = “nos últimos 12 meses”, 4 = “pelo menos uma vez na vida” 5 = “nunca”, 6 = “não respondo”. De acordo com as respostas dos/das participantes, é possível verificar que o álcool foi a droga mais consumida, em que 67% das mulheres e 79.4% dos homens reportam ter consumido nos últimos 30 dias. De seguida, o tabaco, com 45% das mulheres e 55.9% dos homens

reportando ter consumido nos últimos 30 dias, seguindo-se o canábis com 20.2% das mulheres e 50% dos homens a reportar esta mesma frequência.

Relativamente à frequência no consumo de substâncias, após a utilização do teste de *Mann-Whitney*, é possível verificar que existem diferenças significativas (ver Tabela 1) entre o género e a frequência no consumo de canábis, cocaína, ketamina, MDMA, anfetaminas, LSD, cogumelos e óxido nítrico.

Tabela 1

“Com Que Frequência Usas ou Já Usaste as Seguintes Substâncias Psicoativas?” – Resultados da Análise Estatística Para Homens e Mulheres (Teste de Mann-Whitney U)

Substância	Mulheres (n=109)			Homens (n=34)			U
	M	Me	SD	M	Me	SD	
Álcool	1.68	1	1.03	1.33	1	.64	1581.500
Tabaco	2.71	3	1.68	2.13	1.50	1.39	1479.500
Canábis	3.22	4	1.54	2.21	2	1.35	1064.000**
Cocaína	4.49	5	1	3.96	4	1.20	1075.500**
Ketamina	4.91	5	.53	4.71	5	.91	1443.500*
GHB	5.04	5	.30	4.92	5	.504	1723.500
MDMA (ectasy/pastilhas/cristal (M/MD))	4.36	5	.98	3.63	4	1.35	1094.500**
Anfetaminas (speed)	4.67	5	.72	4.33	5	1.01	1349.000*
LSD	4.66	5	.89	4.17	4	1.09	1284.000*
Cogumelos (psilocibina)	4.64	5	.89	4.33	5	1.05	1329.500*
Óxido nítrico	5.02	5	.20	4.75	5	.74	1480.000*
Poppers	4.78	5	.58	4.71	5	.91	1596.000
2CB	5	5	.34	4.83	5	.70	1630.000

Nota. * $p < .05$; ** $p < .001$

Tabela 1 (continuação)

Substância	Mulheres (n=109)			Homens (n=34)			U
	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	
Metanfetamina	4.99	5	.44	4.96	5	.46	1820.000
Heroína	5.01	5	.32	5.04	5	.20	1799.000
Ópio	5.03	5	.28	5	5	.30	1671.000
Opiáceos (sem prescrição médica)	4.96	5	.45	4.96	5	.36	1735.500
Benzodiazepinas (sem prescrição médica)	4.86	5	.83	5	5	.30	1770.000
Outras	5.11	5	.41	5.04	5	.36	1008.500

Nota. * $p < .05$; ** $p < .001$

Neste sentido, enquanto 70.6% afirmam ter consumido canábis nos últimos 30 dias ou nos últimos 6 meses, apenas 31.2% das mulheres reportam o mesmo. Relativamente ao consumo de cocaína: 62.4% das mulheres reportam nunca ter consumido, enquanto 23.5% dos homens reportam o mesmo; 35.3% dos homens consumiram nos últimos 12 meses, 6 meses ou 30 dias (contrastando com 11.9% das mulheres). No consumo de ketamina, 81.7% mulheres da amostra reportam nunca ter consumido e 58.8% dos homens reportam o mesmo, sendo que 32.4% dos homens e 10.1% das mulheres já consumiram pelo menos uma vez na vida. Relativamente ao consumo de MDMA, 44.1% dos homens e 14.8% das mulheres reportam ter consumido esta substância nos últimos 30 dias, nos últimos 6 meses ou nos últimos 12 meses. Mais de metade das mulheres, 52.3%, e 20.6% dos homens nunca consumiram MDMA. As anfetaminas (speed) são uma substância consumida por 20.6% dos homens e por 6.4% das mulheres nos últimos 6 ou 12 meses, sendo que 66.1% das mulheres e 41.2% dos homens nunca consumiram essa substância. O LSD nunca foi consumido por 69.7% das mulheres e 38.2% dos homens da amostra, sendo que nos últimos 12 meses, 6 meses ou 30 dias foi consumido por 55.9% dos homens e 23.9% das mulheres. No que ao consumo de cogumelos concerne, 71.6% das mulheres e 41.2% nunca consumiram essa substância. Já o óxido nítrico foi uma substância reportada como nunca tendo sido consumida por 90.8% as mulheres e 70.6% dos homens.

Motivo Para o Consumo de Drogas em Contextos de Festa

Do total da amostra de 143 participantes na resposta a qual seria a razão subjacente ao consumo de drogas em contextos de festa (“quando consumi drogas foi para...”), 11.9% responderam que não consumiram álcool ou outras drogas. 21.7% responderam que consumiam pela “evasão/fuga”; 59.4% responderam que consumiam para “relaxar” (54.1% das mulheres e 76.5% dos homens da amostra); 51% responderam que consumiam para sentir euforia (46.8% das mulheres e 64.7% dos homens da amostra); 12.6% responderam que consumiam para “integrar-me no grupo”; 18.2% responderam que consumiam para “sentir mais confiança para falar em situações sociais”; 12.6% responderam que consumiam para “sentir mais confiança para seduzir/flerte”; 1.4% responderam que consumiam para ter experiências sexuais; 6.3% responderam que consumiam para “aumentar a excitação sexual e/ou o prazer das experiências sexuais; 43.4% responderam que consumiam para “sentir os efeitos ou a intoxicação” (41.3% das mulheres e 50% dos homens da amostra); 17.5% responderam que consumiam para “experimentar os efeitos da mistura de substâncias”; 8.4% responderam que consumiam para “reduzir o sono”; 28% responderam que consumiam para “ter mais horas de festa”; 52.4% responderam que consumiam para “melhorar a experiência de dança ou de ouvir música” (46.8% das mulheres e 70.6% dos homens da amostra); nenhum participante respondeu que consumia para “ajudar a perder peso”. Dos/das participantes, 4.9% escolheram outras razões para consumir nomeadamente: “pelo sabor da bebida”, “para alterar o estado de consciência e curtir essa alteração”, “pela diversão”, “para experimentar pela primeira vez”, “para ter mais energia” e “por engano, pensava que era outra substância”.

Com recurso ao teste de Fisher é possível concluir que existe uma associação significativa entre o género e o motivo para consumir drogas em contexto de festa, nomeadamente no desejo de “aumentar a excitação sexual e/ou o prazer das experiências sexuais”, Teste de *Fisher*, $p = .035$. Enquanto no género masculino, 14.7% seleccionaram este motivo, no género feminino apenas 3.7% o seleccionaram.

Há também uma associação significativa entre o género e a opção “relaxar” $\chi^2 (1, N = 143) = 5.366$, $p = .021$. Enquanto 54.1% das mulheres seleccionaram esta resposta, 76.5% dos homens da amostra a seleccionaram. Por último, as análises correlacionais demonstram uma associação significativa entre o género e o consumo com o intuito de “melhorar a experiência de dança ou de ouvir música”, $\chi^2 (1, N = 143) = 5.886$, $p = .015$, em que enquanto 46.8% das mulheres seleccionaram esta resposta, 70.6% dos homens o fizeram.

Situações de Violência Sexual

De acordo com os resultados à questão “Na tua opinião, quais das seguintes situações são violência sexual?”, é possível apreender que em grande parte das situações existe concordância ao nível da opinião entre o género feminino e masculino. Esta questão foi avaliada numa escala de *likert* de cinco pontos em que um corresponde a “nunca é violência sexual” e cinco corresponde a “é sempre violência sexual”. As médias das respostas dos participantes, permitem concluir que em grande parte das mesmas, as opiniões se encontram entre um quatro e um cinco desta escala (compreendendo a situação como violência sexual).

Após a execução do teste de *Mann-Whitney* (ver Tabela 2) é possível verificar que existem diferenças significativas entre o género e a consideração se certas situações enquanto violência sexual: 1) “expressões artísticas (música, dança, teatro, etc.) que representa as pessoas como objetos sexuais” ($U = 1287.500$; $p = .006$); 2) “partilhar *online* imagens, fotos, gifs sexualmente explícitos, sem consentimento” ($U = 1576.500$; $p = .014$); 3) “receber por mensagem ou *online* conteúdos verbais ou gráficos insultuosos ou sexuais” ($U = 1495.000$; $p = .030$).

Tabela 2

“Na Tua Opinião, Quais das Seguintes Situações São Violência Sexual?” – Resultados da Análise Estatística Para Homens e Mulheres (Teste de *Mann-Whitney U*)

Situações	Mulheres (n=109)			Homens (n=34)			U
	M	Me	SD	M	Me	SD	
Publicidade sexista que objetifica mulheres	3.79	4	1.05	3.36	3	1.05	1675.500
Expressões artísticas (música, dança, teatro, etc.) que representam as pessoas como objetos sexuais	3.34	3	1.43	2.64	3	1.14	1287.500*
Partilhar <i>online</i> imagens, fotos, gifs sexualmente explícitos, sem consentimento	4.94	5	.34	4.86	5	.35	1576.500*
Receber por mensagem ou <i>online</i> conteúdos verbais ou gráficos insultuosos ou sexuais	4.82	5	.57	4.64	5	.79	1495.000*
Ser forçada/o a ver conteúdo pornográfico contra a sua vontade	5	5	.17	5	5	.31	1794.000

Nota. * $p < .05$; ** $p < .001$

Tabela 2 (continuação)

Situações	Mulheres (n=109)			Homens (n=34)			U
	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	
Piadas sexistas com conteúdo sexual	4.04	4	.80	3.68	3.50	1.13	1471.500
Olhares sexualizados/ erotizados, persistentes e indesejados	4.56	5	.74	4.36	5	1.09	1599.500
Comentários sexuais indesejados	4.74	5	.56	4.64	5	.66	1835.000
Insistência face à recusa de outra pessoa	4.97	5	.30	4.95	5	.21	1833.000
Invasão contínua do espaço privado/ pessoal	4.66	5	.70	4.36	5	.79	1698.000
Toques não consentidos	4.82	5	.52	4.64	5	.58	1615.500
Exibicionismo ou masturbação em espaço público	4.91	5	.45	4.91	5	.29	1667.000
Ser encurralada/o para fins sexuais (numa situação em que a pessoa é incapaz de fugir)	5	5	.17	5	5	.00	1836.000
Sentir medo de violência sexual	4.35	5	1.09	4.55	5	.91	1805.000
Apalpões ou toques insistentes	4.97	5	.24	4.86	5	.35	1785.500
Violação sem força física	5	5	.17	4.95	5	.21	1744.500
Violação com força física	5.01	5	.12	5	5	.00	1836.000
Outros	5.97	6	.17	5.95	6	.21	736.000

Nota. * $p < .05$; ** $p < .001$

Neste sentido, enquanto 38.6% das mulheres acreditam que as expressões artísticas que representam as pessoas como objetos sexuais e sempre ou quase sempre violência sexual, apenas 11.7% dos homens consideram o mesmo. Relativamente à partilha *online* de imagens, fotos, gifs, sexualmente explícitos sem consentimento, enquanto 92.7% das mulheres consideram que é sempre violência sexual, 79.4% têm esta mesma percepção. Adicionalmente,

enquanto 93.8% das mulheres acreditam que receber por mensagem ou *online* conteúdos verbais ou gráficos insultuosos ou sexuais é sempre ou quase violência sexual, os resultados demonstram que apenas 58.8% dos homens têm a mesma percepção.

Nível de Concordância com Afirmações Relacionadas com Violência Sexual

Esta questão pretende avaliar o nível de concordância dos participantes a uma lista de afirmações numa escala de *likert* de cinco pontos em que um equivale a “discordo totalmente” e cinco equivale a “concordo totalmente”. As médias das respostas nesta escala permitem apreender que a percepção de homens e mulheres relativamente às afirmações é bastante homogénea, e que as respostas estão tendencialmente inclinadas para a discordância ou, em alguns casos, a neutralidade.

Após a execução do teste de *Mann-Whitney* (ver Tabela 3), é possível verificar que existem diferenças significativas entre o género ao nível da concordância das seguintes afirmações: 1) a violência em contextos de festa é rara ($U = 1381.500$, $p = 0.008$); 2) as mulheres gostam de receber comentários sobre a sua aparência física enquanto estão a caminhar pela rua ($U = 1261.000$, $p = .001$); 3) a violência sexual é principalmente perpetrada por homens desconhecidos ($U = 1291.500$, $p = .006$); e 4) a maioria das violações são oportunistas porque o violador submete a vítima depois de ela usar drogas voluntariamente ($U = 1343.000$, $p = .013$).

Tabela 3

“Concordas Com as Seguintes Afirmações?” – Resultados da Análise Estatística para Homens e Mulheres (Teste de *Mann-Whitney U*)

Afirmações	Mulheres (n=109)			Homens (n=34)			U
	M	Me	SD	M	Me	SD	
Os agressores sexuais têm problemas mentais	3.36	3	1.36	3.4	4	1.48	1767.500
A violência sexual em contextos de festa é rara	1.38	1	.62	1.82	2	1.00	1381.500*
Hoje em dia, as pessoas são mais machistas do que antes	2.45	3	.98	2.29	2	1.01	1652.000

Nota. * $p < .05$; ** $p < .001$

Tabela 3 (continuação)

Afirmações	Mulheres (n=109)			Homens (n=34)			U
	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	
As mulheres podem sair à noite nas ruas com a mesma liberdade que os homens	1.94	1	1.32	2.12	2	1.49	1703.000
São os homens que devem ter a iniciativa de flertar/seduzir as mulheres	1.23	1	.74	1.32	1	.68	1705.000
As mulheres gostam de receber comentários sobre a sua aparência física quando estão a caminhar pela rua	1.29	1	.75	1.91	1.50	1.31	1261.000 **
A violência sexual é principalmente perpetrada por homens desconhecidos	2.61	2	1.33	3.29	3	1.22	1291.500 *
A violência sexual é também exercida sobre homens sendo comparável à violência sexual que é exercida sobre as mulheres	2.94	3	1.48	2.97	3	1.53	1842.000
Algumas culturas/etnicidades promovem mais agressões sexuais sobre mulheres/LGBTQI+ do que outras	3.94	4	1.41	4.03	4	1.40	1833.500
Os homens que cometem agressões sexuais não se conseguem controlar	1.81	1	1.23	2.06	2	1.15	1536.500
O uso de álcool ou outras drogas é uma das principais causas da violência sexual	2.29	2	1.19	2.65	2.50	1.39	1587.000
A maioria das violações são premeditadas uma vez que o violador planeia usar drogas, sem o conhecimento nem consentimento da vítima	3.13	3	1.45	3.68	3	1.55	1474.000

Nota. * $p < .05$; ** $p < .001$

Tabela 3 (continuação)

Afirmações	Mulheres (n=109)			Homens (n=34)			U
	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	
A maioria das violações são oportunistas porque o violador submete a vítima depois de ela usar drogas VOLUNTARIAMENTE	3.10	3	1.58	3.82	3	1.45	1343.000*
As mulheres devem evitar perder o controlo sobre o seu consumo de drogas quando saem porque podem ser agredidas sexualmente	1.99	1	1.32	2.72	2	1.86	1478.500
Os homens devem evitar perder o controlo com drogas quando saem porque eles podem cometer agressões sexuais.	2.26	2	1.57	2.53	2	1.66	1677.00.

Nota. * $p < .05$; ** $p < .001$

De forma a compreender as diferenças mencionadas, foram utilizadas análises descritivas que permitem olhar para cada alínea e compreender as percentagens de resposta associadas a cada nível da escala de *likert*. Assim, é possível verificar que no caso da crença de que a violência sexual é rara em contextos de festa, 92.6% das mulheres discordam ou discordam totalmente com esta afirmação e 79.5% dos homens têm esta opinião. Relativamente à ideia de que as mulheres gostam de receber comentários sobre a sua aparência física enquanto estão a caminhar pela rua, 80.7% das mulheres discordam totalmente e 50% dos homens pensam o mesmo. No que à crença de que a violência sexual é principalmente perpetrada por homens desconhecidos diz respeito, 51.4% das mulheres discordam ou discordam totalmente com esta afirmação e 23.5% dos homens fazem o mesmo. Por último, tendo em conta a crença de que a maioria das violações são oportunistas porque o violador submete a vítima depois de ela usar drogas voluntariamente 38.5% das mulheres discordam ou discordam totalmente com esta afirmação e 11.7% dos homens partilham dessa mesma opinião.

Substâncias Envolvidas em Agressões Sexuais ou Violações em Contextos de Festa

Os resultados que se reportam à opinião dos participantes relativamente às substâncias envolvidas em agressões sexuais ou violações em contexto de festa (“na tua opinião, que substâncias estão envolvidas em agressões sexuais ou violações em contextos de festa”)

demonstram que a maioria, 90.9%, dos participantes acreditam que o álcool está envolvido. De seguida, 65.7% dos participantes acreditam que a cocaína está envolvida e 62.9% selecionam o MDMA (ectasy/pastilhas/cristal). As anfetaminas (speed) foram assinaladas por 45.5% dos participantes, seguindo-se pela GHB que foi escolhida por 42.7%. O LSD foi indicado por 39.2% dos participantes, a ketamina por 34.2%, e as benzodiazepinas (sem prescrição médica) por 34.2%. A metanfetamina foi selecionada por 32.2%, sendo que as restantes substâncias se encontram entre as escolhas de 20 a 30% dos participantes, nomeadamente: os cogumelos (psilocibina) (29.4%), os opiáceos (sem prescrição médica) (28.7%), a heroína (27.3%), o ópio (27.3%), os poppers (28.7%), a 2CB (23.8%) e o óxido nitroso (21%).

Com recurso ao teste qui-quadrado de *Pearson* é possível concluir que existe uma associação significativa entre o género e a crença acerca de que substâncias estão envolvidas em agressões sexuais ou violações em contexto de festa, nomeadamente na seleção da resposta canábis $X^2(2, N=143) = 7.399, p = .025$. Enquanto no género masculino, 79.4% responderam que não e 11.8% responderam que sim, no género feminino 53.2% responderam que não e 28.4% responderam que sim (sendo que as restantes respostas em ambos os géneros remetem para a opção “não respondo”). Adicionalmente, os resultados demonstram uma associação significativa entre o género e a resposta LSD, $X^2(2, N =143) = 7.586, p = .023$. Neste sentido, enquanto nos homens 52.9% responderam que não (ao consumo de LSD estar envolvido em situações de violência sexual), 29,4% responderam que sim. Já nas mulheres, 27.5% responderam que não e 42.2% responderam que sim (sendo que as restantes respostas em ambos os géneros remetem para a opção “não respondo”). Por último, é possível verificar uma associação significativa entre o género e a escolha da substância envolvida serem os cogumelos (psilocibina), $X^2(2, N =143) = 7.306, p = .026$. Enquanto no género masculino, 55.9% responderam que não e 14.7% responderam que sim, no género feminino 33.9% responderam que não e 33.9% responderam que sim (sendo que as restantes respostas em ambos os géneros remetem para a opção “não respondo”).

Comportamentos Experimentados em Contextos de Festa

Relativamente aos comportamentos experienciados em contexto de festa, foi disponibilizado aos/às participantes um conjunto de comportamentos de violência sexual possivelmente experienciados em ARN no sentido de identificar se os mesmos foram experienciados e com que frequência. Neste sentido as respostas a esta questão obedecem uma escala de *likert* de cinco pontos em que: 1 = “sempre”, 2 = “muitas vezes”, 3 =

“raramente”, 4 = “nunca” e 5 = “não respondo”. Nas respostas a esta questão é possível verificar que existem diferenças significativas entre o género e as experiências de violência sexual (ver Tabela 4).

Tabela 4

“Quais dos Seguintes Comportamentos Experienciaste em Contextos De Festa?” – Resultados da Análise Estatística para Homens e Mulheres (Teste de Mann-Whitney U)

Comportamentos experienciados	Mulheres (n=109)			Homens (n=34)			U
	M	Me	SD	M	Me	SD	
Piadas sexistas com conteúdo sexual	2.24	2	.79	3.01	3	.90	876.000**
Olhares sexualizados/ erotizados, persistentes e indesejados	2.11	2	.67	3.15	3	.99	877.000**
Comentários sexuais indesejados	2.27	2	.73	3.33	4	.96	731.500**
Conteúdos verbais ou gráficos de teor sexual <i>online</i>	3.24	4	.92	3.67	4	.78	1371.500*
Insistência face a uma recusa	2.65	3	.85	3.26	3	.81	1238.500*
Invasão contínua do espaço privado/ pessoal	2.39	2	.87	3.30	3	.76	1024.000**
Toques não consentidos	2.42	2	.89	3.15	3	.77	1211.000*
Exibicionismo ou masturbação em espaço público	3.39	3	.66	3.85	4	.53	1133.500**
Ser encurralada/o para fins sexuais (numa situação em que a pessoa é incapaz de fugir)	3.66	4	.60	3.96	4	.44	1457.000*
Sentir medo de violência sexual	2.55	3	1.01	3.78	4	.75	700.500**
Apalpões ou toques insistentes	2.66	3	.96	3.48	4	.80	1185.500**
Violação sem força física	3.85	4	.40	3.96	4	.44	1655.500
Violação com força física	3.88	4	.33	3.96	4	.44	1698.000
Outros	4.31	4	.66	4.26	4	.45	910.000

Nota. * $p < .05$; ** $p < .001$

Neste sentido, é importante sublinhar que em todas as experiências listadas no questionário, existem diferenças significativas em função do gênero, exceto nas alíneas relacionadas com a experiência de violação (com e sem força física). Assim, os resultados demonstram diferenças estatisticamente significativas nas experiências de violência sexual em função do gênero nomeadamente: 1) piadas sexistas com conteúdo sexual ($U = 876.000$; $p = .001$); 2) olhares sexualizados/erotizados, persistentes e indesejados ($U = 877.000$; $p = .001$); 3) comentários sexuais indesejados ($U = 731.500$; $p = .001$); conteúdos verbais ou gráficos de teor sexual *online* ($U = 1371.500$; $p = .013$); insistência face a uma recusa ($U = 1238.500$; $p = .002$); invasão contínua do espaço privado/pessoal ($U = 1024.000$; $p = .001$); toques não consentidos ($U = 1211.000$; $p = .001$); exibicionismo ou masturbação em espaço público ($U = 1133.500$; $p = .001$); ser encurralada/o para fins sexuais (numa situação em que é a pessoa é incapaz de fugir ($U = 1457.000$; $p = .012$); sentir medo de violência sexual ($U = 1655.500$; $p = .112$); apalpões ou toques insistentes ($U = 1185.000$; $p = .001$).

De forma a compreender os dados das diferenças de gênero relativamente às experiências em ARN, são utilizadas tabelas de contingência que cruzam as duas variáveis em estudo, o gênero (feminino ou masculino) e uma experiência específica de violência sexual de forma a analisar o padrão de associação. Neste sentido, relativamente às piadas sexistas com conteúdo sexual, 74.3% das mulheres dizem já o ter experienciado sempre ou muitas vezes, enquanto apenas 29.4% dos homens relatam o mesmo. Os olhares sexualizados/erotizados persistentes e indesejados são uma experiência relatada pelas mulheres como acontecendo sempre ou muitas vezes, por 80.7% das mulheres, mas apenas 38.2% dos homens reportam o mesmo. Relativamente aos comentários sexuais indesejados, enquanto 71.6% das mulheres reportam que acontece sempre ou muitas vezes numa saída à noite, apenas 23.5% dos homens relatam o mesmo. A invasão contínua do espaço privado/pessoal é sentida sempre ou muitas vezes por 56.9% das mulheres, e por 17.6% dos homens com essa frequência. Os toques não consentidos, foram relatados como ocorrendo sempre ou quase sempre para 56% das mulheres e 26.4% dos homens. Sentir medo de violência sexual acontece sempre ou muitas vezes a 45.9% das mulheres e 8.8% - neste caso é importante salientar que enquanto 79.4% dos homens reportam nunca sentir medo de violência sexual, 24.8% das mulheres reportam o mesmo.

De forma a identificar o principal agressor nos casos em que foram experienciadas formas de violência sexual, foi utilizada a seguinte questão do questionário: “caso tenhas experienciado alguma destas formas de violência sexual, o principal agressor era um homem?”. Os dados revelam que nas 143 respostas apuradas, a maioria dos participantes,

74.8%, identificam o principal agressor como homem, 7% não identificam um homem como o principal agressor e 18.2% referem não ter passado por essa experiência.

Comportamentos Praticados em Contexto de Festa

No que aos comportamentos realizados concerne, foi utilizada uma questão (“Quais dos seguintes comportamentos praticaste em contexto de festa?”) que remete para um conjunto de comportamentos que deve ser avaliado pelo/pela participante a partir de uma escala de *likert* de cinco pontos em que: 1 = “sempre”, 2 = “muitas vezes”, 3 = “raramente”, 4 = “nunca” e 5 = “não respondo” (ver Tabela 5).

Tabela 5

“Quais dos Seguintes Comportamentos Praticaste em Contextos de Festa?” – Resultados da Análise Estatística para Homens e Mulheres (Teste de Mann-Whitney U)

Comportamentos praticados	Mulheres (n=109)			Homens (n=34)			U
	M	Me	SD	M	Me	SD	
Piadas sexistas com conteúdo sexual	3.71	4	.51	3.40	3	.58	1420.500*
Olhares sexualizados/ erotizados, persistentes e indesejados	3.77	4	.45	3.64	4	.49	1479.000*
Comentários sexuais indesejados	3.95	4	.22	3.76	4	.44	1515.500*
Conteúdos verbais ou gráficos de teor sexual <i>online</i>	3.96	4	.19	3.80	4	.41	1580.000*
Insistência face a uma recusa	3.90	4	.31	3.88	4	.33	1805.000
Invasão contínua do espaço privado/ pessoal	3.96	4	.19	3.92	4	.28	1720.000
Toques não consentidos	3.88	4	.36	3.84	4	.47	1711.000
Exibicionismo ou masturbação em espaço público	4	4	.00	4.01	4	.20	1798.500
Ser encurralada/o para fins sexuais (numa situação em que a pessoa é incapaz de fugir)	3.99	4	.11	4	4	.00	1836.000

Nota. * $p < .05$; ** $p < .001$

Tabela 5 (continuação)

Comportamentos praticados	Mulheres (n=109)			Homens (n=34)			U
	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>Me</i>	<i>SD</i>	
Sentir medo de violência sexual	4	4	.23	4	4	.00	1763.000
Apalpões ou toques insistentes	3.92	4	.39	4	4	.00	1840.500
Violação sem força física	3.99	4	.11	4	4	.00	1836.000
Violação com força física	3.99	4	.11	4	4	.00	1836.000
Outros	4.22	4	.42	4.12	4	.33	879.000

Nota. * $p < .05$; ** $p < .001$

A partir da utilização das tabelas de contingência que têm em conta a frequência nos comportamentos realizados e o género (feminino ou masculino), é possível observar uma grande prevalência de respostas em que é selecionado o “raramente” ou “nunca” praticado esse comportamento. Assim, em todas as opções de comportamentos de violência sexual realizados, acima de 80% dos homens e das mulheres (para todos os comportamentos listados no questionário) reportaram raramente ou nunca ter praticado o comportamento descrito.

Após a realização do teste de *Mann-Whitney*, como demonstrado na Tabela 5, é possível verificar que existem diferenças significativas entre o género e os comportamentos de violência sexual em ARN. Os resultados demonstram diferenças significativas nomeadamente: 1) piadas sexistas com conteúdo sexual ($U = 1420.000$; $p = .014$); 2) olhares sexualizados/erotizados, persistentes e indesejados ($U = 1479.000$; $p = .020$); 3) comentários sexuais indesejados ($U = 1515.500$; $p = .005$); conteúdos verbais ou gráficos de teor sexual *online* ($U = 1580.000$; $p = .005$).

Discussão e Principais Conclusões

Os dados obtidos no presente estudo refletem a perceção de homens e mulheres frequentadores de ARN em Portugal relativamente à violência sexual nestes contextos. Assim, uma caracterização global dos/as participantes parece apontar para: pessoas que saem para contextos de festa para se divertir com os/as amigos/as, consumir álcool ou outras drogas, dançar a noite toda, conhecer novas pessoas e ter experiências prazerosas. A droga consumida com mais frequência é o álcool, corroborando estudos prévios (Balasch et al.

2018; Carvalho et al., 2020; Carvalho et al., 2019; Noctambul@s 2018) que reportam o mesmo, sendo que uma possível explicação passa essencialmente por ser uma substância legal, e pelo facto de o álcool surgir no discurso social com maior facilidade moldado por um cenário de normalização, comercialização e acessibilidade. Os dados deste estudo demonstram que o *gender gap* no consumo de álcool tem vindo a diminuir. A este nível, podemos considerar que a feminização de ARN deu um novo palco público para a expressão de feminilidades alternativas (Measham, 2002), onde o consumo de álcool e o acesso à cultura do excesso permitem transgredir as opressões de género (externas e internalizadas) presentes na vida quotidiana. No entanto, o aumento da prevalência do consumo de álcool entre as mulheres não nos deve iludir ou aderir à crença de que “agora as mulheres bebem como os homens”. Assim, este consumo deve ser lido a partir de uma perspetiva de género, que reconheça os padrões duplos de género e o carácter performativo do consumo de álcool ou outras drogas ou, como avança Measham (2002), “*doing gender*” - “*doing drugs*”. Alguns estudos demonstram que num mesmo episódio de consumo, os homens bebem de forma mais excessiva (uma maior quantidade de álcool num menor período de tempo), enquanto as mulheres, por seu lado, fazem uso de mais comportamentos protetores (Balasch et al., 2018; Carvalho, Pires e Pinto, 2020) referindo-se os mesmos a práticas individuais ou coletivas que limitem o consumo de álcool ou minimizem as suas consequências negativas sociais e ao nível da saúde (Prince et al., 2013). Por outro o lado, de acordo com a investigação, os homens reportam mais consequências negativas associadas ao consumo relacionadas com conflitos interpessoais e com a autoridade, acidentes e intoxicação aguda enquanto as mulheres reportam mais situações de violência sexual (Balasch et al., 2018). Nesse sentido, os padrões de consumo de álcool e as consequências que derivam deste comportamento variam em função do género. Neste caso, surge uma reprodução de papéis de género hegemónicos, sendo que os homens apresentam uma maior predisposição para vivenciar o excesso e o risco, enquanto as mulheres incorporam o autocontrolo e a autovigilância durante os seus consumos (Pires et al., 2018; Balasch et al., 2018).

De acordo com os/as participantes do estudo, o álcool é a substância apontada com maior frequência como estando envolvida em situações de violência sexual, o que parece corroborar as crenças sociais de que este consumo poderá estar na base ou justificar e comportamentos sexualmente agressivos. No entanto, na afirmação “As mulheres devem evitar perder o controlo sobre o seu consumo de drogas quando saem porque podem ser agredidas sexualmente”, os/as participantes discordam com esta afirmação. Assim como discordam com a afirmação de que “os homens devem evitar perder o controlo com drogas

quando saem porque eles podem cometer agressões sexuais”. Estas respostas parecem afastar a ideia de que o consumo culpabiliza a vítima e desculpabiliza o agressor em situações de violência sexual em ARN.

Reportando às respostas dos/das respondentes ao que se constitui como violência sexual, parece haver um consenso global da compreensão do fenómeno. Assim, e ainda que assumindo esta compreensão, é igualmente refletida nos resultados uma alarmante discrepância entre a elevada quantidade de mulheres que reporta ter experienciado situações de violência sexual e o reduzido número de homens que reportam o mesmo. Estudos anteriores explicam esta discrepância argumentando que agressão pode envolver uma perceção errada relacionada com: as diferenças de género na perceção de interesse sexual, o tipo de insinuações sexuais que são percecionadas como apropriadas, as expectativas relacionadas com a obrigação em aceitar as insinuações sexuais e as maneiras de comunicar a recusa sexual (Abbey et al., 2001; Parks & Miller, 1997). Aqui, pode ser útil a utilização das palavras das sociolinguistas Nancy Henley e Cheris Kramarae que afirmam que a “construção do modelo dos equívocos comunicacionais emerge como uma poderosa ferramenta, talvez mesmo uma necessidade, na manutenção da estrutura da supremacia masculina” (Henley & Kramarae, 1991, p.30). Desta forma, é importante olhar para os resultados do presente estudo com alguma prudência. Apesar de os homens e mulheres aparentemente identificarem as diferentes situações expostas no questionário enquanto violência sexual, quando estas acontecem na realidade, a perceção dos limites pode não ser tão clara, levando a uma manutenção desses comportamentos por estarem possivelmente a seguir o guião masculino do que é expectável em ARN. Isto porque a exposição de hipermasculinidade está particularmente normalizada nestes contextos podendo resultar em interação sexualizada não solicitada ou violência sexual (Thompson & Cracco, 2008; Parks, 2000). Numa geração descrita como mais convencional do que rebelde (Howe & Strauss, 2000) a manutenção do guião masculino, nestes contextos em particular, pode ser uma dimensão importante na identidade masculina. Assim, os comportamentos de violência sexual em contexto noturno podem ser percecionados como um comportamento normalizado entre homens em que agressão poderá servir como uma maneira de provar e merecer a sua virilidade, ainda que nem sempre essa violência sexual seja consonante com a imagem que mantêm de si. Aqui poderá ser útil retomar o conceito de Judith Butler no sentido em que o género para ser entendido como uma *performance*, como postulado para a autora, que para além de representado, presume também a existência de uma plateia social (Butler, 1988).

Há comportamentos de violência sexual amplamente descritos na literatura pela sua elevada frequência em ARN, e que foram utilizados no questionário, nomeadamente: os olhares sexualizados/erotizados persistentes e indesejados, a insistência face a uma recusa, a invasão contínua do espaço pessoal, os toques não consentidos e os apalpões ou toques insistentes. Uma possível justificação para que os mesmos continuem a ocorrer em ARN poderia apontar para uma não compreensão dos homens de que estes comportamentos são, efetivamente, violência sexual. Assim, os homens, ao realizarem um comportamento, e não o identificando enquanto violência, também não se classificariam a si mesmos enquanto agressores. No entanto, os participantes masculinos neste estudo, quando questionados acerca dos comportamentos acima descritos, consideraram-nos enquanto violência sexual, não sendo possível corroborar a possibilidade de a prática dos comportamentos advir de uma não compreensão dos mesmos como sendo violência sexual. Assim sendo, podem colocar-se as seguintes questões: porque é que estes comportamentos, apesar de compreendidos enquanto violência, continuam a ocorrer? Poderá a compreensão destes comportamentos enquanto violência ser algo recente que irá resultar numa conseqüente alteração dos comportamentos? O que aqui importa salientar, é que não é suficiente a compreensão dos mesmos enquanto violência sexual, teoricamente, havendo a necessidade de cessar os comportamentos na prática. Uma possível explicação poderá estar relacionada com a geração em estudo. Os *millennials* são a primeira geração em que conexão constante com dispositivos móveis permite que o discurso social feminista tenha uma disseminação e um impacto com maior relevo, levando a uma possível compreensão do que se constitui como violência sexual. Ainda assim, o período de latência entre a compreensão e a mudança de atitudes e comportamentos demora tempo e muito trabalho estratégico ao nível de alterações sociais e políticas. Outra possível explicação pode apontar para a forma como alguns itens estão construídos. Um dos desafios na utilização das escalas de *likert* - apesar da sua potencialidade enquanto ferramenta de recolha de informação e estudo - é desenhar um questionário imparcial, que coloque as questões de uma forma neutra evitando induzir os/as respondentes a uma resposta ou opinião. Numa escala de *likert* as afirmações são claras e potencialmente persuasivas. Assim o viés de aquiescência, ou uma tendência para concordar ou discordar com as afirmações independentemente do conteúdo (Ray, 1990), pode ser uma questão relevante a ter em conta perante a utilização de escalas de *likert* no presente estudo.

O reconhecimento de si como agressor ou como perpetrador da violência, é uma temática sensível não só por parte de quem exerce a violência, mas também por parte das vítimas que a experienciam. A noção de vítima e a valorização das narrativas das mesmas, é

atualmente parte do discurso social, muito potencializado pela internet e pela disseminação de histórias de violência sexual. Movimentos como o #metoo, estão na base de um discurso que permite que as vítimas se identifiquem como tal - partilhando a sua história, identificando-se com pessoas que passaram pelo mesmo - com menos receio das repercussões que daí podem advir. Assim, o reconhecimento e capacidade de identificação enquanto vítima pode estar mais facilitado na geração em estudo, os *millennials*, que vivem num momento histórico em que a tolerância para comportamentos sexuais agressivos é potencialmente mais reduzida e mais debatida. Remetendo para os comportamentos de violência sexual praticados, em todas as alíneas de comportamentos de violência sexual, acima de 80% dos homens e das mulheres (para todos os comportamentos listados no questionário) reportaram raramente ou nunca ter praticado o comportamento descrito. Aqui, é importante salientar, que existe uma grande disparidade entre as mulheres que reportam ter experienciado comportamentos de violência sexual e os homens que reportam ter praticado algum comportamento descrito. No presente estudo, 75% dos e das respondentes que passaram por situações de violência sexual identificam o agressor como homem. Esta discrepância remete para o conceito de agressor fantasma utilizado anteriormente, e que também aqui é refletido nas incongruências dos dados. Por exemplo, enquanto 74.3% das mulheres dizem já ter experienciado, sempre ou muitas vezes, piadas sexistas com conteúdo sexual, 5.9% dos homens afirmam tê-lo feito muitas vezes, 47.1% raramente e 47.1% nunca o ter feito. Adicionalmente, enquanto 80.7% das mulheres afirmam experienciar olhares sexualizados/erotizados persistentes e indesejados sempre ou muitas vezes, apenas 5.9% dos homens afirmam tê-lo feito muitas vezes, 35.5% raramente e 58.8% nunca o ter feito. No que aos comentários sexuais indesejados concerne, apesar de 71.6% relatar que estes acontecem muitas vezes ou sempre numa saída à noite 26.5% dos homens reportam que raramente o fazem, e 73.5% reportam que nunca o fazem. No entanto, apesar de esta ser uma tendência já muito evidenciada na literatura existente (as diferenças entre os comportamentos experienciados e os comportamentos realizados), é necessário salvaguardar que as discrepâncias nos números obtidos no presente estudo não significam necessariamente mentira ou omissão por parte dos homens. Isto porque, sendo uma amostra aleatória, em que as pessoas não estão associadas entre si, não seria adequado retirar ilações acerca do comportamento destes homens em específico.

Os mitos da violação são amplamente discutidos na literatura como atitudes e crenças que são geralmente falsas, no entanto, altamente disseminadas e mantidas persistentemente, que servem para negar ou justificar a agressão sexual masculina sobre as mulheres (Lonsway & Fitzgerald, 1994). No presente estudo, uma das afirmações relacionada com estes mitos é:

“os agressores sexuais têm problemas mentais”. Nesta questão é interessante a compreensão de que os e as respondentes, numa escala de *likert* de cinco pontos, em que um equivale a “discordo totalmente” e cinco equivale a “concordo totalmente”, a média das respostas aponta para um três, mantendo a neutralidade na escala. Assim, a justificação da agressão sexual relacionada com traços específicos e patológicos do agressor, podem ser um fator que serve justificar situações de violência sexual (Payne et al., 1999). A ideia de que as agressões são perpetradas por pessoas anormais não é uma ideia nova, aportando-se como um dos mitos da violação mencionados anteriormente que tem como efeito desacreditar as vítimas de ofensores/as que não correspondam a esse estereótipo (assim como a impunidade desses agressores) (Ventura, 2017).

A geração em estudo, os *millennials*, foram bombardeados com informação e imagens bastante diferentes do que estaria disponível para as pessoas da mesma idade em gerações anteriores (Takahasi, 2014). Seja através das letras de músicas comerciais, dos *videoclips* de música, dos programas televisivos, da pornografia, da possibilidade de partilha e autopromoção nas redes sociais, etc. todas estas dimensões se agregam no sentido de moldar uma maneira de pensar e comportar distinta de outras gerações. Crescer num mundo tecnologicamente conectado pode contribuir para uma maior exposição à sexualidade pelos *millennials*, quando comparados a gerações prévias. Isto porque a autopromoção relacionada com as partilhas nas redes sociais e a exposição corporal constante de acordo com os ideais culturais pode estar relacionada, além de com um maior sentido de individualidade e narcisismo, com a banalização da sexualidade. No entanto, o presente estudo e as discussões em torno da geração devem ser lidos com cautela pelo seu potencial generalizador e consequentemente redutor. Assim, o que aqui se pretende é uma reflexão relativamente às perceções dos/as participantes e a sua possível relação com as características atribuídas pela literatura a esta geração, no sentido de gerar ideias e discussões relevantes para a construção de conhecimento.

Limitações e Implicações Futuras

Uma das limitações do presente estudo remete para a vida atípica experienciada pelos participantes e leitores no momento atual. A situação pandémica mundial levou à imposição de regras que impediram a abertura de ARN em Portugal no último ano. Estas imposições não só impõem constrangimentos na participação em contextos de festa, assim como nos padrões de consumo. Desta forma, sendo que as perguntas do questionário se reportam a contextos que não foram experienciados no último ano, pode haver alguma influência na forma como recordam e reportam os acontecimentos e comportamentos.

Outra possível limitação remete para o desigual número de homens e mulheres que responderam ao questionário, com uma maior preponderância do género feminino (109) comparativamente com o género masculino (34). Esta discrepância pode estar relacionada com o facto de as mulheres estarem mais disponíveis e, talvez, mais interessadas em debater esta temática. Assim, estudos futuros devem ter em conta estratégias que visem o aumento da motivação por parte dos homens para responder às perguntas e assim permitir conclusões mais equilibradas e fundamentadas.

Outra limitação aponta para a não inclusividade de outras identidades de género, pelo que, em estudos futuros será útil a utilização dos dados tendo em conta a diversidade e as particularidades de outras identidades.

A desejabilidade social, ou por outras palavras, uma tendência para atribuir a si próprio/a atitudes ou comportamentos socialmente desejáveis rejeitando em si mesmos/as atitudes ou comportamentos com valores socialmente indesejáveis é também uma importante dimensão a ponderar na análise das respostas deste questionário (com um possível enviesamento de resposta positivo).

Por fim, há algumas limitações que devem ser consideradas quando se utilizam *websurveys*, ou questionários *online* divulgados virtualmente. Em particular, os dados obtidos não podem ser generalizados porque dependem de uma amostragem não-probabilística, representando apenas a amostra de pessoas que: a) têm acesso à internet e tiveram contacto com o instrumento, e b) tomaram a decisão individual em participar (Faleiro et al., 2016; Barratt et al., 2017). Ainda assim, a utilização destes *websurveys* permite aceder a relações entre variáveis que possibilitam a compreensão de certas experiências ou padrões de comportamento, neste caso, as interseções entre violência sexual, a participação em ambientes de lazer noturno e o consumo substâncias psicoativas.

Referências Bibliográficas

- Abbey, A. (2011). Alcohol's role in sexual violence perpetration: Theoretical explanations, existing evidence and future directions. *Drug and alcohol review*, 30(5), 481-489. <https://doi.org/10.1111/j.1465-3362.2011.00296.x>
- Abbey, A., Zawacki, T., Buck, P. O., Clinton, A. M., & McAuslan, P. (2001). Alcohol and sexual assault. *Alcohol research & health: the journal of the National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism*, 25(1), 43.
- de Almeida, M. V. (2018). *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Etnográfica Press.
- Alsop, R. (2008). *The trophy kids grow up: How the millennial generation is shaking up the workplace*. John Wiley & Sons.
- Asociación Bienestar y Desarrollo. (2013). *Mujeres Y Drogas*.
- Balasz, M., Faucha, M., & Antelo, V. S. (2018). Sex-related Differences in Heavy Episodic Drinking Among Young Adults Living in Porto, Bologna and Tarragona: Patterns, Protective Behaviors and Negative Consequences. *Journal of Alcohol and Drug Education*, 62(3), 72-93.
- Barratt, M. J., Ferris, J. A., Zahnow, R., Palamar, J. J., Maier, L. J., & Winstock, A. R. (2017). Moving on from representativeness: testing the utility of the Global Drug Survey. *Substance Abuse: Research and Treatment*. doi: 10.1177/1178221817716391
- Becker, S., & Tinkler, J. (2015). “Me getting plastered and her provoking my eyes” young people’s attribution of blame for sexual aggression in public drinking spaces. *Feminist Criminology*, 10(3), 235-258. <https://doi.org/10.1177/1557085114541142>
- Bowling, A. (2014). *Research methods in health: investigating health and health services*. McGraw-hill education (UK).
- Burkill, S., Copas, A., Couper, M. P., Clifton, S., Prah, P., Datta, Conrad, F., Wellings, K., Johnson, A., M., & Erens, B. (2016). Using the web to collect data on sensitive behaviours: a study looking at mode effects on the British National Survey of Sexual

Attitudes and Lifestyles. *PloS one*, 11(2).
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0147983>

Butler, J. (1988). Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. *Theatre Journal*, 40(4), 519–531.
<https://doi.org/10.2307/3207893>

Capraro, R. L. (2000). Why college men drink: Alcohol, adventure, and the paradox of masculinity. *Journal of American college health*, 48(6), 307-315.
<https://doi.org/10.1080/07448480009596272>

Carvalho, H. M., Pires, C. V., López-Guerrero, J., & Pinto, M. (2019). The role of breathalyzer test for understanding drinkers' patterns and behaviors: a study conducted in Porto party settings.

Carvalho, H. M., Pires, C. V., & Pinto, M. (2020). Consumo Esporádico Excessivo em Consumidores/as de Álcool: Contributos Para Uma Análise Compreensiva Do Risco. *Portuguese Journal of Mental Health Nursing/Revista Portuguesa de Enfermagem de Saude Mental*, (23).

Christmas, S., & Seymour, F. (2014). Drunken nights out: motivations, norms and rituals in the night time economy. *Drinkaware Report*.

Connell, R. W. (1995). *Masculinities*. Berkeley.

Conselho da Europa. (2011). Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica. In *Série de Tratados do Conselho da Europa* (Issue 210). <https://rm.coe.int/168046253d>

Council of Europe (2019). Preventing and combating sexism.

Culpin, V., Millar, C., & Peters, K. (2015). Multi-generational frames of reference: Managerial challenges of four social generations in the organisation. *Journal of managerial psychology*.

- De Visser, R. O., & McDonnell, E. J. (2012). 'That's OK. He's a guy': A mixed-methods study of gender double-standards for alcohol use. *Psychology & health*, 27(5), 618-639. <https://doi.org/10.1080/08870446.2011.617444>
- Eisner, S. P. (2005). Managing generation Y. *SAM advanced management journal*, 70(4), 4.
- EIGE. (2021). *European Institute for Gender Equality: sex-disaggregated statistics*. <https://eige.europa.eu/thesaurus/terms/1194>
- Faleiros, F., Käppler, C., Pontes, F. A. R., Silva, S. S. D. C., Goes, F. D. S. N. D., & Cucick, C. D. (2016). Use of virtual questionnaire and dissemination as a data collection strategy in scientific studies. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 25. <https://doi.org/10.1590/0104-07072016003880014>
- Figueiredo, D. (1998). Identities and gender in the discourse of rape trials. *Ilha do Desterro*, 7(2), 85-102.
- Gilleard, C. (2004). Cohorts and generations in the study of social change. *Social Theory and Health*, 2, pp. 106– 119.
- Graham, K., Bernards, S., Abbey, A., Dumas, T. M., & Wells, S. (2017). When women do not want it: Young female bargoers' experiences with and responses to sexual harassment in social drinking contexts. *Violence against women*, 23(12), 1419-1441. <https://doi.org/10.1177/1077801216661037>
- Graham, K., Bernards, S., Abbey, A., Dumas, T., & Wells, S. (2014). Young women's risk of sexual aggression in bars: The roles of intoxication and peer social status. *Drug and alcohol review*, 33(4), 393-400. <https://doi.org/10.1111/dar.12153>
- Graham, K., Bernards, S., Wayne Osgood, D., Abbey, A., Parks, M., Flynn, A., Dumas, T., & Wells, S. (2014). "Blurred lines?" Sexual aggression and barroom culture. *Alcoholism: clinical and experimental research*, 38(5), 1416-1424. <https://doi.org/10.1111/acer.12356>
- Graham, K., Tremblay, P. F., Wells, S., Parnanen, K., Purcell, J., & Jolley, J. (2006). Harm, intent, and the nature of aggressive behavior: Measuring naturally occurring

- aggression in barroom settings. *Assessment*, 13(3), 280-296.
<https://doi.org/10.1177/1073191106288180>
- Graham, K., Wells, S., Bernards, S., & Dennison, S. (2010). "Yes, I do but not with you": Qualitative analyses of sexual/romantic overture-related aggression in bars and clubs. *Contemporary drug problems*, 37(2), 197-240.
<https://doi.org/10.1177/009145091003700203>
- Grave, R., Teixeira, T., Teixeira, P. M., Marques, A. M., & Nogueira, C. (2020). A meta-synthesis about the study of men's sexual behavior through the lens of hegemonic masculinity.
- Grazian, D. (2009, December). Urban Nightlife, Social Capital, and the Public Life of Cities 1. In *Sociological Forum* (Vol. 24, No. 4, pp. 908-917). Oxford, UK: Blackwell Publishing Ltd.
- Griffin, C., Szmigin, I., Bengry-Howell, A., Hackley, C., & Mistral, W. (2013). Inhabiting the contradictions: Hypersexual femininity and the culture of intoxication among young women in the UK. *Feminism & Psychology*, 23(2), 184-206.
<https://doi.org/10.1177/0959353512468860>
- Hayes, R. M., Abbott, R. L., & Cook, S. (2016). It's her fault: Student acceptance of rape myths on two college campuses. *Violence against women*, 22(13), 1540-1555.
- Henley, N. M., & Kramarae, C. (1991.) Gender, power and miscommunication. In N. Coupland, H. Giles and J. M. Wiemann (eds.) "*Miscommunication*" and *problematic talk*. Newbury, Park, California: Sage Publications. 18-43.
- Hollands, R., & Chatterton, P. (2002). Changing times for an old industrial city. *City*, 6(3), 291-315. <https://doi.org/10.1080/1360481022000037742>
- Ventura, I. (2018). Medusa no Palácio da Justiça ou uma história da violação sexual. Lisboa: Tinta da China, 2018, 480 pp. *Ex aequo*, (38), 194-197.
- Howe, N., & Strauss, W. (2000). *Millennials rising: The next great generation*. Vintage.

- Kavanaugh, P. R. (2010). Storylines of physical and sexual assault in urban nightlife: The impact of individual disposition and social context. University of Delaware.
- Kavanaugh, P. R. (2013). The continuum of sexual violence: Women's accounts of victimization in urban nightlife. *Feminist Criminology*, 8(1), 20-39. <https://doi.org/10.1177/1557085112442979>.
- Kimmel, M. S. (2012). *Gender of Desire, The: Essays on Male Sexuality*. Suny Press.
- Kimmel, M. S., & Kimmel, M. S. (2008). *Guyland: The perilous world where boys become men* (pp. 44-69). New York: Harper.
- Kimmel, M. (2017). *Manhood in America*. New York, NY: Oxford University Press.
- Kohut, A., Taylor, P., Keeter, S., Parker, K., Morin, R., Cohn, D. V., & Clement, S. (2010). Millennials: A portrait of generation next: Confident. connected. open to change. Pew Research Center.
- Krantz, J. H., & Dalal, R. (2000). *Validity of Web-based psychological research*. In M. H. Birnbaum (Ed.), *Psychological experiments on the Internet* (p. 35-60). Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-012099980-4/50003-4>
- Kupperschmidt, B. R. (2000). Multigeneration employees: strategies for effective management. *The health care manager*, 19(1), 65-76.
- Lonsway, K. A., & Fitzgerald, L. F. (1994). Rape myths. In review. *Psychology of women quarterly*, 18(2), 133-164. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1994.tb00448.x>
- Lopes, J. T., Bóia, P. D. S., Ferro, L., & Guerra, P. (2010). Género e música eletrónica de dança: experiências, percursos e retratos de mulheres clubbers. *Sociologia, Problemas e práticas*, (62), 35-56.
- Lopes, J. M., & Milheiro, T. C. (2015). *Crimes sexuais: análise substantiva e processual*. Coimbra Editora.
- Martins, C. (2011). Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir. *Braga: Psiquilíbrios Edições*.

- Matias, J., Kalamara, E., Mathis, F., Skarupova, K., Noor, A., & Singleton, N. (2019). The use of multi-national web surveys for comparative analysis: Lessons from the European Web Survey on Drugs. *International Journal of Drug Policy*, 73, 235-244. doi: 10.1016/j.drugpo.2019.03.014
- Measham, F. (2002). "Doing gender"—"doing drugs": Conceptualizing the gendering of drugs cultures. *Contemporary drug problems*, 29(2), 335-373.
- Moser, C.A. and Kalton, G. (1971) *Survey Methods in Social Investigation*, 2nd edn. London: Heinemann.
- Netquest. (2017). *Fundamentos da Coleta de Dados Online*. https://cdn2.hubspot.net/hubfs/2595966/docs/ebook_online_data_collection_BR.pdf
- Nevid, J. S. (2009/2010, Winter). Reaching and teaching millennial students. *Psychology Teacher Network (PTN)*, 19(4), 1-4.
- Noctambul@s (2016). Informe 2014/2015. Fundación Salud y Comunidad.
- Noctambul@s (2017). Tercer Informe Anual 2015/2016.
- Noctambul@s (2018). 5º Informe Anual 2017/2018.
- Parks, K. A., & Miller, B. A. (1997). Bar victimization of women. *Psychology of Women Quarterly*, 21(4), 509-525. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00128.x>
- Parks, K. A., & Scheidt, D. M. (2000). Male bar drinkers' perspective on female bar drinkers. *Sex Roles*, 43(11-12), 927-941. <https://doi.org/10.1023/A:1011045207587>
- Parks, K. A., & Zetes-Zanatta, L. M. (1999). Women's bar-related victimization: Refining and testing a conceptual model. *Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression*, 25(5), 349-364. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-2337\(1999\)25:5<349::AID-AB3>3.0.CO;2-O](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-2337(1999)25:5<349::AID-AB3>3.0.CO;2-O)
- Payne, D. L., Lonsway, K. A., & Fitzgerald, L. F. (1999). Rape myth acceptance: Exploration of its structure and its measurement using the Illinois rape myth acceptance scale. *Journal of Research in Personality*, 33(1), 27-68.

- Pires, C., Pereira, R., Valente, H., & Moura, H. (2018). Violência sexual e consumo de substâncias psicoativas: podem os contextos festivos ser educativos?. *Ex aequo*, (37), 143-158. <http://dx.doi.org/10.22355/exaequo.2018.37.10>.
- Prince, M. A., Carey, K. B., & Maisto, S. A. (2013). Protective behavioral strategies for reducing alcohol involvement: A review of the methodological issues. *Addictive behaviors*, 38(7), 2343-2351.
- Purcell, J., & Graham, K. (2005). A typology of Toronto nightclubs at the turn of the millennium. *Contemporary Drug Problems*, 32(1), 131-167. <https://doi.org/10.1177/009145090503200109>
- Quigg, Z., Ross-Houle, K., Bigland, C., Hughes, K., & Bellis, M. A. (2018). PW 2135 Stop sexual violence: an evaluation of a training programme for nightlife workers in europe. *Injury Prevention*, 24.
- Ray, J. J. (1990). Acquiescence and problems with forced-choice scales. *The Journal of Social Psychology*, 130(3), 397-399.
- Rudio, F. V. (1985). *Introdução ao projecto de pesquisa científica* (9ª ed.). Petropolis: Vozes
- Ruiz, V. C. (2014). Diferencias en la percepción de consumo recreativo de drogas entre chicos y chicas jóvenes. Um análisis desde la perspectiva de género. Madrid: Fundación Atenea.
- Salih, S. (2007). On judith butler and performativity. *Sexualities and communication in everyday life: A reader*, 55-68.
- Santos, M. G., Paes, A. T., Sanudo, A., Andreoni, S., & Sanchez, Z. M. (2015). Gender differences in predrinking behavior among nightclubs' patrons. *Alcoholism: clinical and experimental research*, 39(7), 1243-1252. <https://doi.org/10.1111/acer.12756>
- Signoretti, N. (2017). A study of gender advertisements. A statistical measuring of the prevalence of genders' patterns in the images of print advertisements. In *Multidisciplinary Digital Publishing Institute Proceedings* (Vol. 1, No. 9, p. 947).

- Slade, T., Chapman, C., Swift, W., Keyes, K., Tonks, Z., & Teesson, M. (2016). Birth cohort trends in the global epidemiology of alcohol use and alcohol-related harms in men and women: systematic review and metaregression. *BMJ open*, 6(10).
- Snyder, C. R., & Higgins, R. L. (1988). Excuses: Their effective role in the negotiation of reality. *Psychological Bulletin*, 104(1), 23–35. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.104.1.23>
- Stangor, C. (2011). *Research methods for the behavioural sciences (4th ed.)*. Mountain View, CA: Cengage.
- Sottomayor, M. C. (2015). A convenção de istambul e o novo paradigma da violência de género. *Ex aequo*, (31), 105-121.
- Sottomayor, C. (2019). Julgar com perspetiva de género – entre a constitucionalidade e a igualdade. *Direitos Humanos, Género e Igualdade*, 25–47.
- Takahashi, T. C. (2014). *Not that innocent: gender and sexuality in millennial pop music at the turn of the twenty-first century* (Doctoral dissertation, University of Hawaii at Manoa)
- Taylor, J. (2020). *Sexual violence in the media: Portrayals and prevention*.
- Tapscott, D. (2009). *Grown up digital: How the net generation is changing your world*. New York, NY: McGraw Hill.
- Thompson Jr, E. H., & Cracco, E. J. (2008). Sexual aggression in bars: What college men can normalize. *The Journal of Men's Studies*, 16(1), 82-96. <https://doi.org/10.3149/jms.1601.82>
- Twenge, J. M. (2006). *Generation me: Why today's young Americans are more confident, assertive, entitled--and more miserable than ever before*. New York: Free Press.
- UNIFEM and International Training Centre. (2009). *Introduction to Gender Analysis and Gender Sensitive Indicators Gender campus*. 16.
- Walinga, J., & Stangor, C. (2014). *Introduction to Psychology-1st Canadian Edition*.

- Wall, L., & Quadara, A. (2014). *Under the Influence?: Considering the Role of Alcohol and Sexual Assault in Social Contexts*. Australian Institute of Family Studies.
- Ward, S. (1974). Consumer socialization. *Journal of consumer research*, 1(2), 1-14.
- Wegner, R., Abbey, A., Pierce, J., Pegram, S. E., & Woerner, J. (2015). Sexual assault perpetrators' justifications for their actions: Relationships to rape supportive attitudes, incident characteristics, and future perpetration. *Violence against women*, 21(8), 1018-1037. <https://doi.org/10.1177/1077801215589380>
- Weiss, K. G. (2009). "Boys will be boys" and other gendered accounts: An exploration of victims' excuses and justifications for unwanted sexual contact and coercion. *Violence Against Women*, 15(7), 810-834.